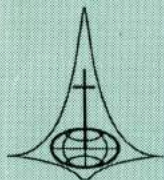


Semanas *Caderno nº 1* de Criatividade

Parábolas do Reino



Fabiane M. Bublitz



**Departamento de Catequese
da IECLB**

Texto-base das Semanas de Criatividade
do Departamento de Catequese da IECLB
em 1997

Elaboração: Edson Ponick
Remí Klein
Sônia Luísa Trapp Mees
Valdemar Schultz

Digitação: Maria Cristina da Silva Rieth

Ilustração da capa: Fabiane M. Bublitz

Diagramação e impressão: Con-Texto Gráfica e Editora

Pedidos: Departamento de Catequese da IECLB
Caixa Postal 14
93001-970 São Leopoldo/RS
Tél.: (051) 592.1782

SEMANAS DE CRIATIVIDADE

CADERNO Nº 1

Parábolas do Reino

Departamento de Catequese da IECLB

1997

Sumário

Prefácio — Parábolas do Reino.....	3
1ª PARTE — Introdução às parábolas do Reino.....	5
Meditação inicial — Agrupamentos sucessivos.....	5
Dinâmica de integração — Parábolas que marcam.....	8
Introdução às parábolas.....	10
Oração da noite — Um convidativo vazio.....	16
2ª PARTE — A presença do Reino.....	19
Meditação da manhã — Venha o teu Reino.....	19
A — Roteiro de estudo.....	22
B — Reflexões sobre o tema.....	24
Narração com recursos — Fantoches e marionetes.....	32
Oração da noite — Culto de Tomé.....	40
3ª PARTE — Acolhimento no Reino.....	44
Meditação da manhã — E ainda há lugar.....	44
A — Roteiro de estudo.....	46
B — Reflexões sobre o tema.....	51
Oração da noite — Gestos de acolhimento.....	58
4ª PARTE — Exigência do Reino.....	60
Meditação da manhã — Vigília.....	60
A — Roteiro de estudo.....	60
B — Reflexões sobre o tema.....	64
Perguntas existenciais relacionadas a questões de fé.....	67
A — Roteiro de estudo.....	68
B — Reflexões sobre o tema.....	70
5ª PARTE — Parábolas do Reino e a Educação Cristã.....	75
A — Roteiro de estudo.....	75
B — Avaliação.....	77
Celebração final — Uma árvore frondosa.....	79

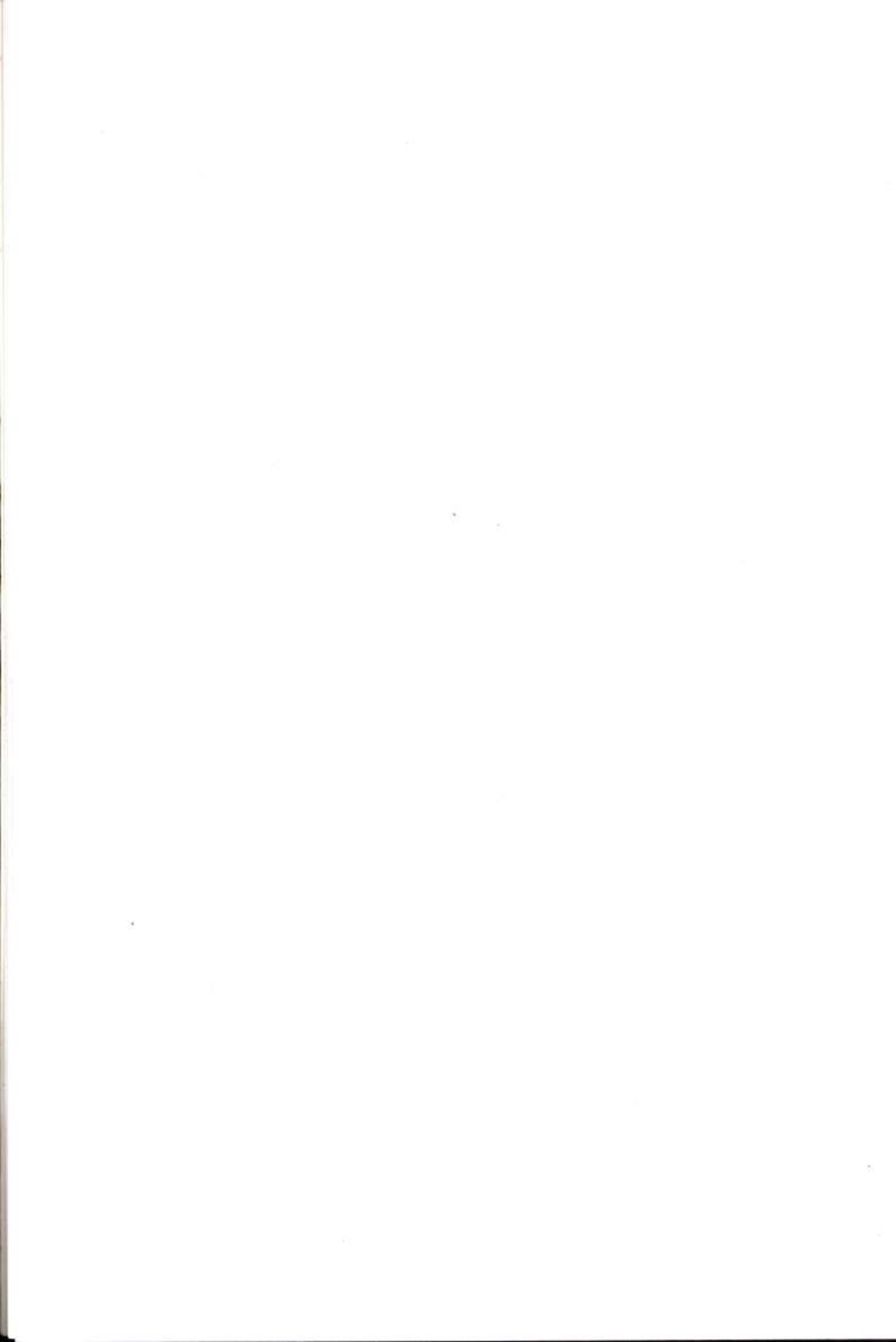
Parábolas do Reino

Uma Educação Cristã mais criativa e participativa é o objetivo básico das Semanas de Criatividade, que se realizam desde 1979 em várias regiões do país. Professores/as de Ensino Religioso, orientadores/as de Culto Infantil e de Ensino Confirmatório, obreiros/as e outros agentes que buscam novos caminhos para sua prática educativa, têm encontrado nas Semanas de Criatividade uma importante ajuda.

Com este livreto damos início a uma nova série de publicações para subsidiar o trabalho realizado nas Semanas de Criatividade. Ele contém dinâmicas de integração, celebrações, roteiros de estudo e textos com reflexões sobre o tema **Parábolas do Reino**. Procura integrar propostas bem práticas e criativas com reflexões de caráter mais teórico relacionadas à nossa prática educativa. Afinal, Educação Cristã e criatividade não é só uma questão de técnicas e dinâmicas, mas pressupõe também uma concepção teológica e pedagógica e a busca de uma contextualização a partir da realidade e da perspectiva da criança.

Desejamos que todos os que têm interesse no assunto, tenham acesso a estas reflexões e ao material produzido nas Semanas de Criatividade. O livreto destina-se às pessoas que se ocupam com a Educação Cristã numa visão criativa. Esperamos que ele possa ser um auxílio para educadores/as e educandos/as desenvolverem sua capacidade de criar e de se expressar com liberdade!

A equipe do Departamento de Catequese da IECLB



1ª PARTE

Introdução às parábolas do Reino

Meditação inicial

Agrupamentos sucessivos

1. Acolhida

Vimos de lugares diferentes. Temos diferentes experiências de vida. Temos sonhos, frustrações, alegrias, tristezas e objetivos diferentes. Também para esta Semana de Criatividade com o tema Parábolas do Reino cada um e cada uma de nós veio com expectativas diferentes. Temos, também, características físicas específicas, diferentes uns dos outros e umas das outras. Cada um e cada uma de nós é uma pessoa diferente. Somos, enfim, pessoas individualmente constituídas. Isto é muito bom.

Cada um e cada uma de nós é especial perante Deus. Assim ele nos diz: “*Não temas, porque eu te remi, chamei-te pelo teu nome, tu és meu.*” (Isaías 43.1)

Vamos saudar e acolher as pessoas que estão mais próximas de nós com um abraço e perguntar por seu nome e sua procedência.

2. Canto

Creio, Senhor, que és Deus (cancioneiro *Crescendo com Jesus*, nº 24).

3. Invocação

Invocamos-te, Deus Criador, que nos acolhes como pai e mãe. Invocamos-te, Jesus Cristo, que nos abraças em teu amor. Invocamos-te, Espírito Santo, que nos despertas para a vida. Amém!

4. Bênção

Em 1 Pedro 2.9 lemos: “*Vós sois raça eleita, sacerdócio real,*

nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.” Este versículo nos ajuda a entendermos que nós todos somos mensageiros de Deus. Nós todos podemos e devemos anunciar um ao outro o seu amor e proclamar a sua bênção.

(* 2 pessoas se dão as mãos e uma expressa à outra uma palavra de bênção para este dia e para a sua vida.)

5. Oração

Jesus diz: “Tudo quanto pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho.” (João 14.13)

(* 4 pessoas se dão as mãos e cada uma faz uma breve oração.)

6. Confissão de fé

Paulo diz: “Com o coração se crê para justiça, e com a boca se confessa a respeito da salvação.” (Romanos 10.10)

(* 8 pessoas se dão as mãos e cada uma diz um versículo bíblico ou uma frase na qual expressa sua fé.)

7. Palavras partilhadas

(* 16 pessoas se dão as mãos e cada uma diz uma palavra de expectativa em relação à Semana de Criatividade.)

8. Salmo 95 (Celebrações do povo de Deus, p. 34)

(* Formar dois grupos. As pessoas se dão as mãos e fazem uma leitura responsiva do Salmo 95. Dividir as estrofes conforme a numeração 1 e 2. A antífona é cantada por todos.)

Vin - de, can - te-mos ao Se - nhor, a - cla - me-mos a

Ro - cha que nos sal - va. A - le - lui - a.

1. Vinde, cantemos ao Senhor,
aclamemos a Rocha que nos salva!
2. Entremos em sua presença com ação de graças,
aclamemo-lo com hinos. (Antífona)
3. O Senhor é o grande Deus,
o grande rei acima de todos os deuses.
4. Ele tem nas mãos as profundezas da terra;
são seus os cumes dos montes.
5. Dele é o mar porque ele o fez —
e a terra firme, que suas mãos modelaram. (Antífona)
6. Entrai! Vamos inclinar-nos e prostrar-nos
de joelhos diante do Senhor que nos fez!
7. Porque ele é nosso Deus,
nós somos o povo que ele apascenta,
o rebanho de sua propriedade. Amém. (Antífona)

9. Pai Nosso

(* Todos se dão as mãos e oram em conjunto o Pai Nosso, olhando-se nos olhos.)

10. Canto final

Deus te abençoe (cancioneiro *Uma canção de esperança*, nº 69).

Dinâmica de integração

Parábolas que marcam

Introdução

Jesus ensina as pessoas contando parábolas. Parábola é uma comparação, uma história que faz pensar. As parábolas falam da vida do dia-a-dia das pessoas: **da vida do campo** (a semente, o semeador, a vinha, a figueira, a colheita, o pastor de ovelha, o rebanho), **da pesca** (rede, barcos, peixes), **das coisas domésticas** (o fermento, remendo novo em pano velho), **da economia** (dracma, talentos, salário, compra de óleo, azeite, administrador infiel), **do tipo de trabalhadores** (escravo, assalariado, endividados, juiz, coletores de impostos, centurião, pastor) e **de figuras da política** (juiz, publicano, fariseus, o rei, pai da família, sacerdotes, levitas, estrangeiro).

Uma parábola importante

Você se lembra de uma parábola que marcou ou marca a sua vida? Faça uma reflexão pessoal e escolha uma parábola que tocou ou toca seu coração e que fez ou faz a sua cabeça. Escolha uma palavra-chave a partir dessa parábola. Siga o modelo:

1. Escreva sua palavra-chave no centro da tira de papel!

TALENTOS



2. Meça a tira de papel em volta de sua cabeça!



3. Faça um corte em ambas as pontas até o meio da tira, mas nos lados invertidos!



4. Encaixe as pontas. E pronto!

Compartilhando...

Canto

Como é bom ver tanta gente (livro *Dez mandamentos: liberdade e compromisso*, p. 113) ou outro canto de saudação.

Enquanto cantam, em pé, os participantes andam e, ao final do canto, formam duplas, se apresentam e compartilham sobre a sua parábola escolhida.

— Quando a conheci?

— Que lembranças ela me traz?

— Que sentido ou importância ela tem para a minha vida?

Formar mais uma ou duas vezes duplas.

Formar grupos a partir das parábolas com que cada participante se identificou. (Recomendamos que os grupos não ultrapassem o número de sete pessoas.)

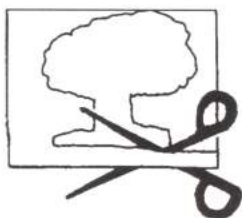
Criando um crachá

Cada grupo escolhe um símbolo relacionado à/s parábola/s escolhida/s.

1. Desenhe o símbolo sobre um retalho de cartolina e recorte-o!

2. Raspe giz de cera sobre o símbolo recortado. Coloque-o sobre um cartão. Segure-o bem com uma das mãos e com a outra friccione do centro da figura em direção às margens do cartão!

(Obs.: Forrar as mesas com jornais!)



3. Tire a figura. Escreva no centro o seu nome e o local de procedência! Este será o seu crachá.

Apresentações

Cada grupo apresenta os seus integrantes de uma forma criativa, tendo como motivação o símbolo escolhido.

Introdução às parábolas

Jesus é um engenhoso contador de histórias. Suas histórias falam de coisas simples da vida do dia-a-dia das pessoas de sua época. Não são fatos históricos, mas *situações de vida ou fatos da natureza* que aconteceram ou que podem estar acontecendo a qualquer momento e em qualquer lugar. Com suas histórias, Jesus anuncia o Reino de Deus. Essas histórias se valem de uma *comparação* que mostra algum aspecto do Reino de Deus. Histórias que anunciam uma mensagem através de comparações são chamadas de parábolas. A palavra **parábola** (de origem grega) significa *a colocação de uma coisa ao lado de outra para fins de comparação*.

O que se compara através de uma parábola é um aspecto do Reino de Deus, seu anúncio, o convite, sua vinda e sua concretização no ministério de Jesus. Com que se compara são imagens, fatos e acontecimentos da natureza e da vida das pessoas. As parábolas falam de um mundo que é familiar aos seus ouvintes. As imagens ou comparações são tão simples ao ponto de o ouvinte não poder dar outra resposta senão: Sim, de fato é assim!

Mas nem sempre entendemos as parábolas de Jesus. Muitas vezes, nos perguntamos: O que Jesus quer dizer?

Parábolas são um jeito próprio de contar histórias que se diferencia de outros gêneros literários.

A parábola se diferencia de:

* **Alegoria:** Na alegoria, cada elemento ou detalhe serve para a comparação. É, por isso, uma comparação continuada. O que se fala quer dizer outra coisa. Na parábola, o símbolo usado *representa* outra coisa; na alegoria é outra coisa. Por exemplo, o óleo usado pelo bom samaritano é óleo e não Espírito Santo. Assim como as duas moedas que foram dadas ao hoteleiro são para pagar as despesas com a hospedagem e não significam dois sacramentos (Lucas 10.34-35).

Uma certa tendência em alegorizar as parábolas já pode ser notada nos evangelhos. Após a parábola do semeador encontra-se uma explicação da mesma (Marcos 4.1-9; 10-20). O mesmo acontece com a parábola do joio (Mateus 13.24-30; 36-43).

Essas explicações têm um objetivo didático, de ensino. Na catequese das primeiras comunidades de fala grega, houve a necessidade de se explicar muitas parábolas porque o que era simples e claro para um palestino tornou-se difícil numa outra cultura e mentalidade.

* **Fábula:** Fábula violenta a ordem natural. As coisas, as plantas e os animais falam, pensam e agem como ser humano. Parábola é reflexo fiel da natureza e da realidade de vida das pessoas. Fábula apresenta um ensino moral. Ela diz o que *convém* ser (conveniência). Parábola diz o que *deve* ser (imperativo). Parábola é uma comparação que desafia, faz pensar e exige uma reação de seus ouvintes.

* **Mito:** Mitos procuram explicar fenômenos naturais, crenças e costumes. São contos populares ligados à tradição de um povo. Na parábola há um autor engenhoso que inventa a história no mesmo instante em que fala. O mito sugere uma lei para os fatos da vida e da natureza. Parábolas surgem de um fato vivido ou conhecido e confrontam seus ouvintes com o mesmo.

* **Provérbios:** Provérbios são formas abreviadas de comparação. São ditos populares que traduzem experiências vividas, valores, regras ou leis de validade universal. No oriente, a idéia de sabedoria era unida a esta forma de ensino.

Provérbios falam da vida, de seus mistérios e de suas relações. Parábolas, porém, não querem apenas ser um exemplo, mas um chamado à mudança de atitude de vida.

As parábolas têm a arte de revelar e esconder a verdade, ao mesmo tempo em que trazem uma mensagem desafiadora aos seus ouvintes. Sem a fé as parábolas são vazias e incompreensíveis. É preciso crer, ter disposição e mente aberta. Parábolas levam à reflexão. É um exercício de memória, um jogo de raciocínio. A parábola revela sua mensagem às pessoas que a procuram com interesse e com amor e a esconde àquelas que são indiferentes, adversas e preguiçosas.

O ambiente cultural

Quem são os ouvintes das parábolas? Qual é o auditório de Jesus? Discípulos, o povo, seus adversários? São importantíssimas as questões do ambiente, os personagens e o mundo cultural do auditório que, no caso das parábolas, são aldeões da Palestina no século I.

Bailey, em seu livro “A poesia e o camponês”, ilustra esta questão sobre a importância do ambiente cultural para a compreensão da mensagem das parábolas com o seguinte exemplo:

Imaginem um inglês contando uma história dos dias do Rei Artur e da Távola Redonda para ouvintes ingleses. Quando o narrador inicia, os ouvintes apertam um interruptor mental. Todo inglês sabe como os cavaleiros da Távola Redonda agem: respeitam as damas, obedecem ao rei, libertam os oprimidos e protegem a sua própria honra. É como se o narrador tivesse um “piano” invisível onde ele toca. O “piano” é o padrão de vida, os conhecimentos da realidade, as regras e as tradições do tempo do Rei Artur. Ao narrar a história, esse “piano” é tocado. O narrador vai mudando, reforçando, rejeitando ou intensificando o padrão de vida conhecido. As ênfases são variações de um só tema. Imagine o narrador inglês narrando esta história para um esquimó no Alasca. A música do piano não vai ser ouvida porque está somente na mente dos ouvintes ingleses. Narrador e ouvintes têm em comum uma mesma história e uma mesma cultura. Em relação às parábolas de Jesus, os esquimós somos nós.¹

Os aldeões da Palestina do Século I são ouvintes próximos de Jesus. Nós estamos separados deles pelo tempo (dois mil anos) e pelo espaço (somos ocidentais). Um dado da cultura pode ajudar em muito na compreensão e no aprofundamento de uma parábola, bem como evitar erros de interpretação. É significativo, por exemplo, saber que os palestinos em sua agricultura tradicional semeiam antes de arar a terra. Por isso, semeiam pelos caminhos (trilhos), por cima de arbustos com espinhos e pedras. Ao semear, o semeador nem se dá conta se toda terra poderá ser arada por causa dos arbustos que encobrem as pedras.

1 K. BAILEY, *A poesia e o camponês*, p. 16s.

As parábolas de Jesus nos evangelhos

As parábolas de Jesus não foram escritas logo depois de terem sido narradas. Elas foram recontadas pelos discípulos e pelas primeiras comunidades cristãs. Muitas foram primeiramente escritas em aramaico e depois traduzidas para o grego. Evangelistas de comunidades diferentes coletaram e reagruparam as parábolas da forma como as conhecemos hoje. Por isso, uma mesma parábola aparece em mais de um evangelho. Algumas sofreram mudanças e foram reinterpretadas conforme a experiência comunitária do evangelista. Compare, por exemplo, a parábola dos talentos (Mateus 25.14-30) com a parábola das dez minas (Lucas 19.11-27). Ambas parecem ter a mesma origem.

Uma parábola de nossos dias para ilustrar a razão pela qual existem quatro evangelhos:

Havia um rei num reino muito distante que queria mandar entalhar um busto seu para ser colocado em praça pública. Como todo rei, ele queria ser lembrado por todos os seus súditos. Por isso, nada melhor do que um busto entalhado para garantir que as pessoas pudessem se lembrar dele, mesmo na sua ausência.

Mas havia um problema: Em seu reino não havia entalhador. Não demorou muito até descobrirem um entalhador num reino vizinho. O rei prontamente mandou chamar o seu pintor para que pintasse uma fotografia sua. Este quadro foi cuidadosamente enviado ao entalhador, o qual aceitou a tarefa de entalhar o busto do rei, mas não pôde fazê-lo. Faltava-lhe poder ver os outros três lados do rei: o lado direito, o esquerdo e o de trás. O busto do rei somente pôde ser entalhado depois de terem sido pintados também os outros três lados do rei. Para saber como era o rei, o escultor precisou ver os seus quatro lados.

Diferentes agrupamentos e relações podem ser feitas com as parábolas de Jesus. Segue uma sugestão de uma classificação temática das parábolas que encontramos nos evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas.

PARÁBOLAS DE JESUS

I — Presença do Reino	Mt	Mc	Lc
1. A presença do noivo	9.1	2.19	5.34
2. Remendo novo em pano velho	9.16	2.21	5.36
3. Vinho novo em odres novos	9.17	2.22	5.37-39
4. O sementeiro	13.3-8	4.3-8	8.5-8
5. A semente		4.26-29	
6. O amigo importuno			11.5-8
7. O grão de mostarda	13.31-32	4.30-32	13.18-19
8. O fermento	13.33		13.20-21
9. O juiz iníquo			18.1-8
II — Misericórdia e graça de Deus			
10. O médico e os doentes	9.12	2.17	5.31
11. A ovelha perdida	18.10-14		15.3-7
12. Os trabalhadores da vinha	20.1-16		
13. Os dois filhos	21.28-32		
14. Os lavradores maus	21.33-46	12.1-12	20.9-18
15. As bodas	22.1-10		14.16-24
16. Os dois devedores			7.41-43
17. A dracma perdida			15.8-10
18. O filho pródigo			15.11-32
19. O fariseu e o publicano			18.9-14

III — Exigência do Reino			
20. A ida ao juiz	5.25-26		12.58-59
21. O porteiro ou o servo vigilante		13.33-37	12.35-38
22. As crianças brincando	11.16-19		7.31-35
23. O joio	13.24-30		
24. A rede	13.47-50		
25. O hóspede sem veste festiva	22.11-13		
26. O assaltante	24.43-44		12.39-40
27. O bom servo e o mau	24.45-51		12.42-46
28. As dez virgens	25.1-13		
29. Os talentos e as dez minas	25.14-30		19.11-27
30. O rico insensato			12.16-21
31. A figueira estéril			13.6-9
32. A porta estreita			13.22-30
33. A construção da torre/planos de guerra			14.28-32
34. O administrador infiel			16.1-8
35. O rico e Lázaro			16.19-31
36. A recompensa do servo			17.7-10
IV — Viver como discípulo			
37. O tesouro escondido	13.44		
38. A pérola	13.45-46		
39. O credor incompassivo	18.23-35		
40. O grande julgamento	25.31-46		
41. O bom samaritano			10.25-37

Observação: Os títulos das parábolas seguem a versão da Bíblia de Almeida. Nem todos os títulos expressam a mensagem central das parábolas. Estes títulos não fazem parte do texto bíblico original, mas foram incluídos posteriormente com fins didáticos. Algumas parábolas estão inseridas em outra narração ou agrupadas por tema, mas podem ser localizadas no quadro acima separadamente com título próprio dado por nós.

Questões que ajudam na interpretação das parábolas

Dialogue com o texto, fazendo-lhe perguntas. Não ache tudo tão óbvio. Que relações existem entre os personagens e os ouvintes? Que fatos chamam atenção ou causam estranheza?

Exemplos:

— Como se espera que um pai reaja quando seu filho mais novo pede sua herança, estando ele ainda vivo?

— Que julgamento fazem os ouvintes, quando ouvem uma história na qual um convidado deixa de ir ao banquete? Que espécie de heróis os ouvintes esperam na parábola do bom samaritano?

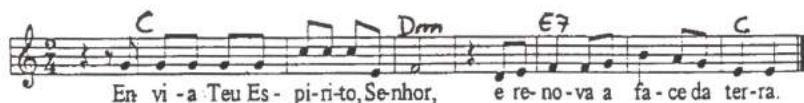
— Qual é a relação entre senhor e escravo?

— Qual era a posição dos palestinos em relação aos governos imperialistas?

Oração da noite

Um convidativo vazio

1. **Canto inicial:** Envia teu Espírito, Senhor.



2. **Oração**

Senhor, amigo dos braços abertos, agradecemos-te que na tua presença nós encontramos abrigo, consolo e descanso. Pedimos-te: Mostra-nos como acolher as pessoas que sofrem por não encontrarem espaço na sociedade em que vivemos. Amém.

3. **Leitura bíblica:** Lucas 15.20

Ler o texto e enfatizar o gesto do pai que, ao ver o filho, vai ao seu encontro de braços abertos.

Fazer o gesto de braços abertos e perguntar aos participantes o que há entre os dois braços abertos? Depois ler a poesia abaixo, convidando a todos para uma reflexão sobre o vazio dos braços abertos.

4. Leitura dinâmica

O coordenador ou a coordenadora lê o texto uma vez. Durante a leitura, cada participante acompanha o texto na sua própria cópia e sublinha palavras, expressões ou frases importantes e significativas para si. A seguir, faz-se uma nova leitura. Desta vez, todas as pessoas participam, cada uma lendo as palavras, expressões ou frases sublinhadas.

Um convidativo vazio

Nenhuma palavra, nenhum anúncio,
apenas um gesto espontâneo.

Um convidativo vazio.

Não um vazio que constrange,
mas um vazio que aconchega:
o vazio dos braços abertos.

O vazio dos braços abertos
funda o compromisso fraterno,
aproximando individualidades.

O vazio dos braços abertos
pressupõe pôr-se a caminho,
prenunciando um novo encontro.

O vazio dos braços abertos
é uma canção solidária
que acolhe alguém na aflição.

O vazio dos braços abertos
declara cumplicidade,
chorando o vazio de uma perda.

O vazio dos braços abertos
firma nossa irmandade:

irmãos e irmãs de Jesus.

O vazio dos braços abertos
professa a fé que nos une:
família do Deus da vida.

O vazio dos braços abertos
é um sinal bem concreto:
há um lugar para alguém.

“Aqui você tem lugar”

cria vazios na Igreja,
na vida e no corpo da gente,
acolhendo sem constranger,
aproximando individualidades,
pondo-se firme a caminho,
amando a quem encontramos,
sentindo no abraço a presença
do próprio Cristo Jesus
que nos chama de irmãos e irmãs,
tornando-nos filhos e filhas
do Deus da vida e do amor.

Edson Ponick

5. Um abraço acolhedor

Convidar a todas as pessoas a se colocarem em pé e fazerem o gesto do abraço. Em seguida, convidar a saírem de seu lugar e, de braços abertos, correr ao encontro de uma outra pessoa que esteja do lado oposto ao seu, abraçando-a.

6. Oração

Formar um grande círculo com todos os participantes abraçados. Convidar algumas pessoas para orarem espontaneamente e terminar com a oração conjunta do Pai Nosso.

7. Bênção

Ainda abraçados, finalizar com o canto Um abraço dado (*Manual para o Culto Infantil*, 1997, p. 238).

2ª PARTE

A Presença do Reino

Meditação da manhã

Venha o teu Reino

(**Materiais necessários:** Uma folha de papel pardo, contendo a frase *REINO DE DEUS*, cola e sementes variadas.)

1. **Canto:** Salmo 92 (cancioneiro *Crescendo com Jesus*, nº 72).

2. Invocação

Realizamos esta meditação em nome de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

3. Oração

Senhor, nosso Deus, agradecemos-te por nos dares a graça de viver mais este dia. Agradecemos também por crermos no Reino de Paz e de Justiça que já está presente entre nós e que um dia experimentaremos em plenitude contigo. Pedimos-te: Dá-nos a fé de que necessitamos para crermos na tua promessa e no teu amor. Ajuda-nos a sonharmos com o teu Reino, mas ajuda-nos também a apresentarmos sinais deste Reino através da nossa vida. Em nome de Jesus, amém.

4. **Leitura bíblica:** Isaías 32.15b-18 e 2 Pedro 3.13.

5. Confissão de fé cantada

Creio, Senhor, que és Deus (cancioneiro *Crescendo com Jesus*, nº 24).

6. Reflexão

Nas leituras que ouvimos, tanto Isaías quanto Pedro falam do

Reino de Deus. Ambos sonham como é o Reino de Deus: um Reino onde habita a paz e a justiça.

Há muitos outros textos na Bíblia que nos dão amostras de como será o Reino que Deus tem preparado para nós. Os profetas, em especial, sonharam com o Reino e anunciaram seus sonhos ao povo.

Também Lutero sonhou com o Reino de Deus. Vamos ouvir a carta que ele escreveu ao seu filho João, quando este tinha 4 anos de idade.

“Eu conheço um jardim muito lindo e divertido. Lá andam muitas crianças, vestidas de roupas douradas. Das árvores do jardim podem livremente colher maçãs, pêras, ameixas, goiabas e laranjas. Olhe só como elas cantam, saltam e estão contentes. Lá também há belos cavalinhos, com arreo de ouro e selas de prata.

Então perguntei ao dono do jardim: “Quem são essas crianças?” Ele respondeu: “São as crianças que gostam de aprender e de orar.” Então falei: “Caro senhor, eu também tenho um filho. O nome dele é Joãozinho Lutero. Será que ele pode entrar no jardim também? Ele gostaria tanto de comer dessas frutas bonitas, montar esses cavalinhos tão simpáticos e brincar com todas as crianças que estão aqui!

“Quando ouviu isso, o dono do jardim respondeu logo, logo: “Se ele gosta de orar e de aprender, também pode entrar no jardim, é claro. Os amigos dele, o Justo e o Luís, também podem vir.” Contente, o dono do jardim ainda continuou: “Quando todos estiverem aqui, vão assobiar de tanta alegria. Vão receber tambores, flautas, tamborins e violões; vão dançar até ficarem cansados e ainda brincar de arco-e-flecha.”

Aí ele mostrou uma belo gramado no jardim. Ali é que dançavam. Tinha apitos e tambores de puro ouro. Os arcos e as flechas eram da melhor madeira e estavam enfeitados com penas coloridas.

Mas era cedo e as crianças ainda não tinham tomado o café da manhã. Nem pude esperar pela dança, porque fiquei com pressa e falei ao dono do jardim: “Ah, caro senhor, quero ir bem ligeiro e escrever todas essas coisas a meu querido filho Joãozinho, para que estude com muita aplicação e ore com confiança. Aí também poderá entrar neste jardim. Mas ele tem também a tia Lena, essa

ele vai querer trazer junto.” Aí o homem falou: “Tudo bem, ela também pode vir. Escreve tudo a ele.”

Portanto, Joãozinho querido, estude e ore sempre. Conte essa história ao Justo e ao Luís, para que também estudem e orem sempre. Assim vocês vão entrar juntos no jardim.

Deus o abençoe. Dê lembranças à tia Lena, e um beijo por mim.
Seu pai, que muito o quer,

Martim Lutero²

7. Ação simbólica

Isaías, Pedro, os outros profetas e apóstolos, Lutero e outros teólogos sonharam com o Reino de Deus. E nós, como imaginamos ser o Reino? Que sonhos temos em relação a ele? Quando o Reino está presente entre nós?

A partir destas perguntas, cada participante pega algumas sementes, cola as mesmas sobre as letras da frase REINO DE DEUS e expressa em voz alta alguma característica do Reino de Deus.

Nem todas as pessoas precisam colar sementes e também não é preciso preencher todas as letras da expressão.

8. Canto: Semente de libertação (cancioneiro *O povo canta*, p. 252).

9. Oração

Faz-se primeiro um momento de oração espontânea e, em seguida, ora-se o Pai Nosso. Antes da oração do Pai Nosso, sugerimos enfatizar mais uma vez a segunda petição.

10. Bênção

As pessoas se abençoam mutuamente, dizendo uma palavra de bênção umas para as outras e dando, em seguida, um abraço.

² W. ALTMANN (trad.), Lutero escreve uma carta a seu filho. In: *O Amigo das Crianças*, v. 53, n. 36, p. 3.

A — ROTEIRO DE ESTUDO

1. Introdução

O estudo deste tema será feito através de uma *gincana parabólica cooperativa*. O principal objetivo da gincana é que todo o grupo ganhe, aprendendo o máximo possível sobre o bloco de parábolas aqui estudado.

O objetivo de todo estudo é entender que o Reino de Deus já está entre nós à medida em que a vontade de Deus é feita e que podemos confiar na promessa de que Deus vai instaurar seu Reino entre nós em toda a sua plenitude.

Além do estudo das parábolas, pretende-se também trazer subsídios e pequenas informações que algumas versões da Bíblia oferecem. Estas informações, quando analisadas em profundidade, podem auxiliar a compreender melhor a mensagem do texto bíblico em estudo.

Como funciona a gincana cooperativa:

Os participantes são divididos em grupos de 6 pessoas, aproximadamente. O coordenador ou a coordenadora lança uma pergunta/tarefa de cada vez. Os grupos procuram responder as perguntas o mais rápido possível. Como é uma gincana cooperativa, o grupo que encontrar a resposta primeiro auxilia os outros grupos a também responderem a questão.

Perguntas/tarefas

1. Se olharmos para o título do estudo de hoje e o compararmos com a segunda petição do Pai Nosso, notaremos que há uma aparente contradição entre as duas expressões. Qual é esta aparente contradição?
2. A aparente contradição poderá ser explicada se soubermos com clareza quais são as características do Reino de Deus. Leiam os textos de Lucas 17.21 e Romanos 14.17 e relacionem as características sobre o Reino de Deus que são apresentadas ali.

Observação: O texto de Lucas apresenta diferentes versões sobre o lugar da presença do Reino. Procurem descobrir qual é a diferença fundamental e optem por aquela que melhor expresse a mensagem de Jesus. Leiam o texto na Bíblia Edição Pastoral, na Bíblia de Jerusalém ou vejam o que a letra “p” sugere ao pé da página na Bíblia na Linguagem de Hoje.

3. Mateus 7.21 diz quem entrará no Reino de Deus. A terceira petição do Pai Nosso também fala sobre este assunto. A partir da terceira petição e do versículo lido, podemos concluir que o Reino de Deus está lá onde é feita a _____.
4. Jesus, muitas vezes, fez citações do Antigo Testamento para falar sobre sua atuação. Uma destas citações é o versículo de Isaías 35.5 e 6.
Perguntas: Em que livro(s), capítulo(s) e versículo(s) do Novo Testamento Jesus usa este texto? Que pergunta Jesus estava respondendo? Quais são as quatro diferenças fundamentais entre Isaías 35.5-6 e a citação de Jesus no Novo Testamento e que testificam a presença do Reino em Jesus?
5. Com que elementos Jesus compara a presença do Reino em Mateus 9.15-17? Onde estes mesmos textos são citados nos outros evangelhos? O que podemos aprender destes textos sobre a presença do Reino?
6. Cada grupo recebe uma parábola sobre o tema *A presença do Reino*. As quatro parábolas a serem estudadas são:
 - A parábola do semeador: Mateus 13.3-8; Marcos 4. 3-8; Lucas 8.5-8
 - A parábola da semente: Marcos 4.26-29
 - A parábola do grão de mostarda: Mateus 13.31-32; Marcos 4.30-32; Lucas 13.18-19
 - A parábola do fermento: Mateus 13.33; Lucas 13.20-21
 Se houver mais do que quatro grupos, dois ou mais grupos poderão estudar a mesma parábola.

Tarefas para o grupo

6.1 — Ler o texto informações complementares

6.2 — Responder as perguntas abaixo:

a. Com o que Jesus compara o Reino de Deus?

b. Onde está a mensagem da parábola? Qual é esta mensagem?

c. Quando damos um título para uma história, estamos de certa forma informando ao leitor o conteúdo ou a mensagem desta história. Se observarmos os títulos das parábolas como as encontramos em algumas versões da Bíblia, veremos que elas não correspondem à mensagem central da parábola. A parábola do juiz iníquo, por exemplo, fala de uma viúva persistente e confiante, que não se cansou de pedir

pelos seus direitos. Portanto, antes de ser a parábola do juiz iníquo, esta é a história da viúva persistente.

Baseados neste comentário e a partir da mensagem encontrada na parábola, vocês dariam outro título para a parábola? Que título seria apropriado?

6.3 — Escolher uma canção que se aproxime da mensagem da parábola. Pode ser uma canção conhecida ou com a letra adaptada para alguma melodia conhecida ou mesmo uma composição própria do grupo.

Escolhida a música, criar movimentos para a mesma. Para isto, observar o seguinte:

- Ritmo e melodia da canção.
- Expressão corporal e conteúdo da letra.
- Dançar com o corpo inteiro.
- Criatividade e afetividade.

Cada grupo apresenta o resultado da sexta tarefa e o coordenador ou a coordenadora faz comentários baseados nas reflexões sobre o tema.

7. Se houver tempo, pode-se ainda cantar a canção *Semente de libertação* (Cancioneiro *O Povo Canta*, p. 252).

B — REFLEXÕES SOBRE O TEMA

Vimos, no estudo anterior, que Jesus é um engenhoso contador de histórias. O uso das parábolas para ensinar o povo é uma característica marcante na pedagogia de Jesus.

Vimos também que todas as parábolas que Jesus contou estão relacionadas com o Reino de Deus. Porém, embora este seja o tema comum, é possível agrupar as parábolas em blocos, conforme o aspecto do Reino que cada uma delas aborda. Veja o quadro apresentado na 1ª Parte!

O primeiro bloco de parábolas que vamos estudar trata da presença do Reino de Deus. Na meditação anterior expressamos os nossos sonhos em relação ao Reino. Também destacamos a segunda petição do Pai Nosso, que fala da vinda do Reino até nós.

Para iniciar nossa reflexão, vamos partir destes dois elementos: o título do nosso estudo — *A presença do Reino* — e a segunda petição do Pai Nosso — *Venha o teu Reino*. Aparentemente, existe uma contradição entre estas duas expressões. Se o Reino está presente, não precisamos pedir que ele venha; ou, se pedimos que ele venha, é porque ele ainda não está presente.

Para sair deste impasse, precisamos ter clareza sobre o que é o Reino de Deus: Quais as suas características? Como ele se manifesta? Onde ele está? Quem entrará nele?

Baseado em alguns textos bíblicos, podemos dizer que: no Reino de Deus haverá justiça e paz (Romanos 14.17); as pessoas serão curadas de toda sorte de enfermidades (Isaías 35.5). Não é possível definir um lugar geográfico para o Reino, mas ele está entre nós (Lucas 17.21); entrará nele quem fizer a vontade de Deus (Mateus 7.21).

Esta última característica, *fazer a vontade de Deus*, expressa, de uma forma especial e globalizante, o que é o Reino de Deus. Observe-mos novamente o Pai Nosso: *Venha o teu Reino; seja feita a tua vontade assim na terra como no céu*. É possível ver que há uma correlação existente entre a presença do Reino de Deus e a cumprimento da sua vontade. Fazer a vontade de Deus está interligado com a presença do Reino. Lembrando novamente as passagens de Mateus 7.21 e de Lucas 17.21, o Reino está presente entre nós quando a vontade de Deus é realizada.

A vontade de Deus foi plenamente cumprida na pessoa de Jesus Cristo. Nunca alguém antes e nunca alguém depois de Jesus conseguiu cumprir a vontade de Deus em toda a sua perfeição. Miranda diz que “(...) no ministério de Jesus, a vontade de Deus foi feita de uma forma perfeita. O ministério de Jesus, portanto, constitui a presença do Reino de Deus. (...) O reinado de Deus está presente, tornou-se uma realidade histórica na pessoa de Jesus.”³

Nos evangelhos, encontramos diversas passagens em que Jesus mesmo proclama a instauração do Reino com o seu ministério. O texto de Isaías 35.5s é citado por Jesus quando os discípulos de João Batista lhe perguntam se ele é o Messias que deveria vir ao mundo. Se consi-

3 O. A. MIRANDA, Introdução ao estudo das parábolas, p. 138-139.

deramos que a vinda do Messias equivale à presença do Reino, a resposta de Jesus deixa claro de que, com ele, o Reino de Deus se instaurou entre nós. E, se compararmos cuidadosamente Lucas 7.21 e 22 com o texto de Isaías 35, veremos que há quatro diferenças significativas entre a expectativa do profeta e o ministério do Messias. Observe:

a) *O tempo verbal*: No texto de Isaías, os verbos são conjugados no futuro, enquanto que Jesus conjuga os verbos no presente. Os cegos recuperam a vista, os surdos ouvem e assim por diante.

b) *Purificação dos leprosos*: Jesus cita a cura dos leprosos. Observando a cultura daquela época, vemos que os leprosos são o exemplo máximo de marginalidade. Por causa de sua doença, eles eram obrigados a viver afastados da vida comunitária. Curando-os, Jesus os integra novamente ao convívio familiar e social.

c) *Ressurreição dos mortos*: Com o ministério de Jesus até os mortos são ressuscitados. Também isto Jesus acrescenta em relação ao texto de Isaías. Jesus tem poder até mesmo sobre a morte. A vida plena e eterna está entre nós. Jesus é o seu arauto e realizador.

d) *Anunciação do Evangelho*: Jesus é também o arauto que anuncia esta boa nova aos pobres, pregando o Evangelho por onde quer que passe.

Observando estas diferenças, vemos que a presença do Reino em Jesus supera todas as promessas e expectativas que existiam até então.

Jesus citou ainda outras profecias do Antigo Testamento para anunciar a encarnação do Reino de Deus na sua pessoa. “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos, e para proclamar um ano de graça do Senhor.” (Lucas 4.18s — *conforme Bíblia Edição Pastoral*) Esta profecia, extraída de Isaías 61.1-2, foi lida por Jesus na sinagoga de Nazaré. Ao terminar a leitura, Jesus disse: “Hoje se cumpriu esta escritura.” (Lucas 4,21)

Além das profecias, Jesus também criou o que chamamos de *ditos parabólicos* para anunciar a presença do Reino. Estes ditos são baseados na sabedoria e na experiência popular. Em Mateus 9.15-17 e nos textos paralelos de Marcos 2.19-22 e Lucas 5.34-39 aparecem três exemplos clássicos. Respondendo à pergunta por que os seus discípulos não

jejuam, Jesus diz: “Podem acaso estar tristes os convidados do casamento, enquanto o noivo está com eles?” (Mateus 9.15) Segundo J. Jeremias, “As bodas são, na linguagem figurada do Oriente, imagem do tempo da salvação”⁴ Como já dissemos, Jesus usa uma imagem conhecida para anunciar a presença do Reino na sua pessoa.

Os outros dois exemplos vêm logo em seguida, dentro do mesmo contexto. Mateus 9.16 fala do remendo de pano novo em vestido velho e Mateus 9.17 destaca que ninguém põe vinho novo em odres velhos. Tanto o pano ou o manto como o vinho são usados no Antigo e no Novo Testamentos como símbolos do tempo da salvação. O velho e o antigo passaram. Eis que irrompeu um novo mundo, tão diferente e extraordinário que não pode ser encaixado ao que já existe.

Com estas palavras de Jesus procuramos fundamentar a presença do Reino. Através de seus milagres, de sua pregação e de sua vida conforme a vontade de Deus, Jesus instaurou o Reino entre nós, inaugurou o tempo da salvação.

O futuro antecipado

Se o nosso título *A presença do Reino* está correto, como explicar o pedido pela vinda do Reino de Deus que fazemos no Pai Nosso?

Osmundo A. Miranda nos explica esta questão, falando na presença do futuro. Jesus foi a primeira amostra do que será ou já é o Reino de Deus. Isto pode ser explicado, usando um termo bastante desconhecido para nós: *prolepse*. “Prolepse é a apresentação de uma realidade antes da sua presença, como uma amostra de um produto antes que o produto esteja à disposição do público. A existência e a percepção de tal existência da realidade antes do seu tempo próprio.”⁵

Como já vimos, Jesus manifestou o Reino através da sua vida como ser humano. Com esta encarnação também o Reino de Deus veio até nós. Porém, não precisamos ir muito longe para ver que a vontade de Deus ainda não está sendo cumprida por inteiro. As injustiças sociais, a violação dos direitos humanos, o individualismo, o consumismo

4 J. JEREMIAS, *As parábolas de Jesus*, p. 117.

5 O. A. MIRANDA, *op. cit.*, p. 141.

desenfreado, a destruição da natureza e outras desgraças que machucam a bela criação de Deus mostram que ainda estamos longe do Reino de paz, de justiça e de vida digna para todas as pessoas. Na nossa própria vida há momentos em que nos desviamos da vontade de Deus. Tudo isto indica que o Reino, embora presente, não está consumado por inteiro. Daí se explica a nossa petição pela vinda do Reino de Deus no Pai Nosso.

Com Jesus nós temos uma antecipação do que Deus quer para as pessoas. O Reino está aí, mas não totalmente. Ele se manifesta entre nós quando Deus, com seu Espírito e através da sua graça, revela a sua vontade através dos nossos gestos e das nossas palavras.

Pedimos pela consumação do Reino de Deus, mas quando isto vai acontecer finalmente? Dois mil anos se passaram desde a encarnação de Jesus e tão pouca coisa mudou. Há esperança de que Deus vá implantar definitivamente seu Reino?

A estas perguntas Jesus responde com quatro parábolas, as quais analisaremos a seguir. Antes, porém, importa tecer alguns comentários que nos auxiliam a interpretar principalmente as quatro parábolas que seguem.

Informações complementares

Tradução inexacta

Em estudos realizados sobre as parábolas, descobriu-se que, em muitas delas, a expressão é semelhante a não condiz exatamente com o original em aramaico. Seria mais correto dizer: *Passa-se com o Reino de Deus assim como com um grão de mostarda e, respectivamente, como com um pouco de fermento...* Assim, “compara-se o Reino de Deus com o estágio final da parábola: com o ramo que dá abrigo aos pássaros e com a massa fermentada.”⁶

6 J. JEREMIAS, op. cit., p. 102 e 148.

Termo de comparação

Ligado ao ponto anterior, é importante observar que, nestas parábolas, sempre existe um termo de comparação que é feito com o todo da parábola. Assim, o Reino de Deus não é semelhante ao fermento, porém, *semelhante ao fermento que uma mulher colocou em três medidas de farinha, até que tudo ficasse levedado*. Compara-se o Reino com todo o processo e não apenas com o fermento.

Regra de contraste

É preciso chamar a atenção para o contraste existente entre o início da parábola e o seu final. Este contraste reforça e valoriza o elemento que traz a mensagem e que geralmente aparece no fim da parábola. O grão de mostarda, por exemplo, é a menor das sementes e se transforma na maior das hortaliças. Assim é com o Reino de Deus: começa com minúsculas sementes até se tornar uma árvore que abriga a todas as pessoas.

Mensagem no fim

As parábolas geralmente apresentam três ou quatro elementos. Se observarmos bem, veremos que é no último elemento que Jesus se concentra mais. Isto porque é lá que está a mensagem da parábola. Na parábola do semeador, por exemplo, a ênfase está centrada na semente que produziu frutos. A questão central não é a terra onde ela caiu ou onde as outras sementes caíram, mas a certeza de que a semente cresce e dá frutos.

Lógica oriental

Já vimos que as parábolas foram contadas num contexto que não conhecemos. Aqui torna-se importante ressaltar um aspecto cultural diferente do nosso. Na cultura oriental do tempo de Jesus, o que importa é o início e o fim de um acontecimento. O surpreendente está na fase inicial e na fase final. Na parábola do camponês paciente, por exemplo, ninguém está preocupado em explicar o processo de crescimento das plantas ou o cuidado que se deve ter para que elas cresçam. Interessa saber que da semente lançada ao solo (início) um dia virá o fruto (fim). Acrescente-se que para o povo de Deus tudo isto acontece pela ação poderosa do Criador.

Considerando os elementos acima citados, a seguir faremos breves comentários sobre quatro das parábolas relacionadas à presença do Reino.

Parábola do semeador — (Mateus 13.3-8; Marcos 4.3-8 e Lucas 8.5-8)

Conscientemente excluímos de nossa reflexão a aplicação desta parábola, encontrada nos três evangelhos. Se observarmos a aplicação, veremos que ela é uma clara alegorização da parábola. Preferimos, por isto, aceitar o desafio de buscar a mensagem desta parábola deixando de lado esta alegorização.

Considerando os itens acima listados, podemos identificar a regra de contraste na parábola do semeador. A semente que cresceu e deu frutos contrasta com as outras que não frutificaram. Aplicando a regra, podemos concluir que a mensagem está na semente que possibilitou a colheita.

Ressaltamos mais uma vez o lugar em que é descrita a semente que deu frutos. É a última a ser citada. É também à última semente que Jesus dedica mais tempo, descreve com mais detalhes e dá mais ênfase.

O que podemos aprender então desta parábola? Assim como as outras parábolas deste bloco, ela também fala da confiança que Jesus tem de que o Reino de Deus vai se consumir. Assim como a semente é jogada ao solo, nasce, cresce e nos alegra com o tempo da colheita, assim também o Reino de Deus, que foi inaugurado com Jesus e está crescendo até chegar o tempo da colheita.

Parábola da semente — (Marcos 4.26-29)

Nesta parábola podemos aplicar a *lógica oriental* para compreender a sua mensagem. Como já vimos, o que importava na cultura oriental da época de Jesus era o início e o fim de um acontecimento. Enquanto nós, no século XX, estamos preocupados em explicar o processo, para Jesus e seus ouvintes bastava saber que da semente lançada ao solo Deus faria chegar o tempo da colheita.

A alegria da colheita como símbolo do Reino ou da presença de Deus no meio do povo também aparece no Salmo 126.6 e em Isaías 9.2. Jesus usa uma imagem que os povo já conhece para novamente desafiar os que ainda não acreditavam na vinda do Reino: Assim como Deus faz da semente a alegria da colheita, assim ele também consumará, através da ação de Jesus, o seu Reino para sempre.

A Bíblia Edição Pastoral traz um pequeno comentário que nos ajuda a entender esta parábola: “A missão de Jesus é portadora do Reino de Deus e da transformação que ele provoca. Uma vez iniciada, a ação de Jesus cresce e produz fruto de maneira imprevisível e irresistível.”⁷

Parábola do grão de mostarda — (Mateus 13.31-32; Marcos 4.30-32; Lucas 13.18-19)

A regra de contraste está explícita nesta parábola. A menor de todas as sementes torna-se a maior hortalíça. Para se ter uma idéia, no Lago de Genesaré o pé-de-mostarda atinge uma altura de dois e meio a três metros. Outro dado importante é o fato da que a árvore frondosa que abriga os passarinhos e dá frutos era símbolo conhecido das pessoas que escutavam Jesus. Os profetas usaram o símbolo da árvore para falar de um reino forte e poderoso (Daniel 4. 8, 17-19; Ezequiel 17.22-23).

As ações de Jesus e de seus seguidores ainda hoje parecem insignificantes diante da injustiça, do egoísmo e da maldade humana. Jesus, porém, nos desafia mais uma vez a confiar no poder e na promessa de Deus. Assim como Deus faz do grão de mostarda a maior de todas as plantas, assim também das pequenas ações de amor e solidariedade ele fará um Reino de Paz e Justiça que se estenderá por todo o mundo.

Parábola do fermento — (Mateus 13.33; Mateus 13.20-21)

Talvez este título não seja o mais apropriado. Se observarmos bem, veremos que o Reino não é comparado ao fermento, mas à massa fermentada. Como já vimos anteriormente, *ao Reino de Deus acontece como ao fermento que uma mulher colocou em três medidas de farinha até que tudo ficasse fermentado*. Embora seja uma parábola curta, também aqui existe um início e um fim; e a mensagem se encontra no final da parábola: na massa fermentada.

Alguém coloca um pouco de fermento no meio da farinha. O fermento desaparece, mas continua agindo, sem que se saiba como, até levedar/fermentar toda a massa. O mesmo fenômeno acontece com o Reino de Deus. Ele foi colocado entre nós através de Jesus Cristo e, desde então, vem fermentando entre nós e um dia vai atingir o mundo inteiro.

⁷ *Bíblia Sagrada* : Edição Pastoral, p. 1286.

As parábolas deste bloco querem nos animar a continuar vivendo conforme a vontade de Deus, denunciando e combatendo as injustiças e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus para as pessoas.

Narração com recursos

Fantoches e marionetes

A importância de contar histórias

Sempre que pensamos em Culto Infantil, Ensino Religioso e até Ensino Confirmatório, a narração de histórias bíblicas aparece como tema a ser considerado. Contar histórias da Bíblia continua sendo uma excelente forma de propagar o Evangelho.

A tradição de educar as crianças na fé através da narração de fatos que marcaram a caminhada de Deus com seu povo é bastante antiga. Já no Antigo Testamento este método era usado. Aliás, é bom ressaltar que, antes de serem registradas pela escrita, todas as histórias foram transmitidas oralmente de geração a geração.

Também as histórias de Jesus foram transmitidas oralmente durante algumas décadas antes de serem registradas. Graças a estes testemunhos orais e escritos podemos ver hoje que Jesus também usou o método de contar histórias para ensinar o povo.

Se olharmos para nossa experiência pessoal, veremos que nosso primeiro contato com a Palavra de Deus também foi através da narração de histórias bíblicas.

O recurso dos bonecos

Sendo a narração de histórias algo tão importante para a educação cristã, precisamos nos preparar da melhor forma possível para realizar esta tarefa.

Uma das formas de se preparar é procurar entender o texto da melhor maneira possível. Também é importante certificar-se da mensagem que queremos transmitir e do objetivo que queremos alcançar através desta história.

Procurar recursos para narrar histórias bíblicas é outra forma de se preparar. O uso de fantoches, por exemplo, auxilia crianças e orientadores a se concentrarem melhor no que está acontecendo.

Encontramos fantoches de todos os tipos e tamanhos em lojas especializadas. Mas também podemos confeccionar nossos próprios bonecos, usando sucatas e materiais de fácil acesso. Além de mais baratos, os bonecos confeccionados por nós mesmos permitem que os adaptemos às necessidades que temos.

Com alguns materiais, um pouco de disposição e muita criatividade de toda a pessoa tem condições de confeccionar lindos bonecos que certamente deixarão a história a ser narrada ainda mais rica e atraente.

Apresentamos a seguir algumas sugestões de bonecos e algumas parábolas que poderiam ser narradas com estes bonecos. Não elaboramos a história, pois achamos que esta tarefa cada orientador/a ou professor/a poderá realizar, levando em consideração a sua realidade. Damos apenas algumas dicas de como se poderia elaborar a narração, levando em conta os bonecos que forem confeccionados.

Dicas sobre fantoches em cena

O recurso dos bonecos pode ser de muita valia no trabalho com as crianças. Porém, é preciso tomar alguns cuidados na hora de entrar em cena. Segue aqui uma lista de alguns detalhes que podem melhorar sua apresentação.

1. *Entrando e saindo do palco:* O primeiro ponto a ser observado é a entrada dos bonecos. Boneco não nasce do chão quando entra e nem morre enterrado quando sai. O boneco deve sempre entrar e sair pelas laterais do palco. Para tornar isto possível, é preciso que o palco tenha as laterais acima do nível do palco. Escondido atrás das laterais, o boneco se prepara e, então, entra em cena.

2. *Caminhando no palco:* Outro detalhe importante é a maneira como o boneco caminha. Fantoche normalmente não tem pernas, mas também não tem patins ou rodinhas debaixo do vestido. Por isso, para dar a impressão de boneco caminhando é preciso erguê-lo e abaixá-lo levemente. Este movimento regular dará a impressão de que o boneco está caminhando.

3. *Falando no palco*: Aqui precisamos fazer uma diferenciação entre bonecos com boca e bonecos sem boca.

Quando os bonecos possuem boca, deve-se tomar o cuidado para que o boneco ABRA A BOCA quando está falando. É uma questão difícil de explicar, mas normalmente nossos bonecos terminam sua fala de boca fechada, mesmo quando a última sílaba por eles pronunciada é um sonoro e aberto “A”. Isto pode ser evitado se mudamos o acento do nosso movimento no início da fala. Ou seja, quando o boneco começa a falar, ele está com a boca fechada. À medida em que as sílabas são pronunciadas, abre-se a boca do boneco, observando também o ritmo da fala.

Quando o boneco não tem boca, é preciso caracterizar sua fala por um pequeno movimento do corpo do boneco, observando, também neste caso, o ritmo da frase que o personagem está falando. Este detalhe é muito importante principalmente quando há mais de um personagem em cena. Neste caso, é preciso cuidar muito para que só o boneco que está falando se mexa e os outros fiquem parados.

4. *Interpretando no palco*: Além do ritmo, outro detalhe importante é a interpretação do que está sendo dito. É preciso expressar a alegria, a tristeza, a raiva e o carinho que o personagem está sentindo naquele momento. Outro detalhe quanto à interpretação é a mudança do timbre de voz. Embora todas as pessoas saibam que é você que está manipulando o boneco, ou por isto mesmo, é fundamental mudar o timbre da sua voz, de tal forma que ela se aproxime ao máximo das características do personagem.

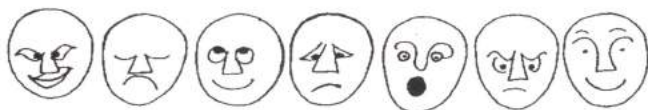
Materiais necessários

Dividimos os materiais em dois tipos:

a) Materiais necessários para qualquer tipo de bonecos: cola, tesoura, fita crepe ou durex, retalhos de tecido, retalhos de papel colorido, restos de lã, sementes em geral e canetinhas.

b) Materiais específicos, conforme o tipo de boneco a ser confeccionado. Estes estarão especificados em cada boneco que for descrito.

I — FANTOCHES



1. Guardanapo de papel

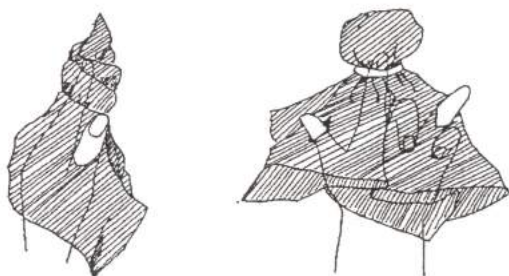
Materiais específicos: Guardanapos de papel e folhas de jornal.

Como confeccionar: Cole 4 guardanapos com fita durex, formando um quadrado. Amasse uma folha pequena de jornal, formando uma bolinha. Enquanto amassa, deixe um buraco para colocar o dedo. Coloque a bolinha de jornal no centro dos 4 guardanapos. Envolver a bolinha com o guardanapo e a amarre na base com um pedaço de barbante. Assim está pronta a cabeça do boneco. Depois é só caracterizar o rosto, usando sementes, lã ou outros materiais.

Os braços podem ser feitos usando o mesmo processo da cabeça, com duas bolinhas menores de jornal.

Ainda existe a possibilidade de usar os dedos médio e polegar para servirem como braços do boneco.

Veja o desenho!



Sugestão: Parábola do fermento (Mateus 13.33)

Duas pessoas conversam sobre a arte de fazer pão, todo o processo e os ingredientes. Durante a conversa, chegam na ação invisível do fermento e de lá fazem a ponte com a parábola.

2. Lenço ou pano

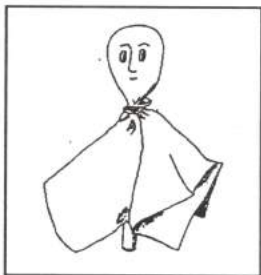
Materiais específicos: Um pano ou lenço quadrado de aproximadamente 70 cm x 70 cm e folhas de jornal.

Como confeccionar: O processo é o mesmo do boneco anterior. Como o pano, envolve-se uma bola feita com papel jornal, deixando a mesma bem no centro do pano. Depois, é só caracterizar o rosto do personagem. Para melhor definir o corpo do boneco, pode-se amarrar um fio de lã na altura da cintura do boneco.

Sugestão: *Parábola da semente* (Marcos 4.26-29)

Um ou dois camponeses falam sobre a vida no campo: o ato de plantar, a paciência para esperar o crescimento e a alegria da colheita. Durante a conversa, lembram a parábola citada que o pastor contou no último culto.

3. Colher de pau



Material específico: Uma colher de pau.

Como confeccionar: Caracteriza-se o rosto do boneco na colher de pau. Sobre o cabo da colher, amarra-se um retalho de tecido que será o corpo do boneco. Veja o desenho!

Sugestão: *Parábola da moeda perdida* (Lucas 15.8-10)

Duas vizinhas se encontram na rua. Na primeira cena, uma aparece triste. Durante o diálogo entre as duas, a que está triste conta que perdeu uma moeda. Ela volta para casa para procurar a moeda novamente. A outra também sai do palco. Antes de as duas voltarem, ouve-se barulhos que dão a entender que alguém está procurando algo em casa. Ouve-se ainda um grito de alegria: ACHEI. Então, as duas personagens entram no palco e a que tinha perdido a moeda conta com grande alegria que a encontrou.

4. Pacote de café

Material específico: Pacotes internos de café (papel laminado) e grampeador.

Como confeccionar: O pacote de café será o rosto do boneco. Ele pode ser um boneco com boca móvel ou não.



Para fazer o corpo do fantoche, prende-se um retalho de pano. Por causa do tipo de papel do pacote, é melhor grampear o retalho ou até costurá-lo. Veja o desenho!

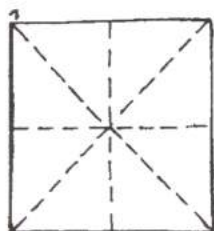
Sugestão: *Parábola do credor incompassivo* (Mateus 18.23-35)

Três personagens dramatizam a cena, conforme a história contada na Bíblia.

5. Boneco feito com dobradura de papel

Material específico: folhas de papel ofício ou outro papel não muito grosso.

Como confeccionar:



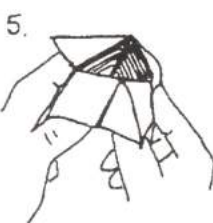
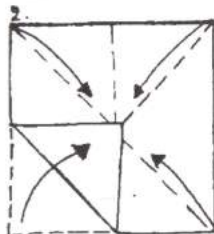
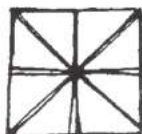
a) Providenciem um 4. papel na forma quadrada, isto é, os quatro lados do papel precisam ter a mesma medida.

b) Dobrem canto com canto, conforme a ilustração 1 e abram o papel novamente, observando o centro que se formou.

c) Por este centro dobrem o papel agora pela metade (2 vezes). Abram o papel, obtendo assim as marcas das dobras (conforme ilustração n° 1).

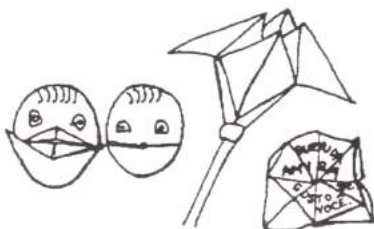
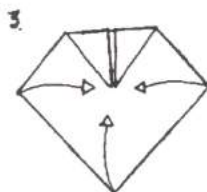
d) Dobrem as 4 pontas até o centro.

e) Virem a dobradura e dobrem mais uma vez as quatro pontas até o centro, transformando conforme ilustração n° 4.



f) Introduzam os dedos polegares e indicadores nas abas que se formaram até ficarem em pé e as 4 pontas juntas, ganhando com isto o formato de uma flor. Veja ilustração n° 5.

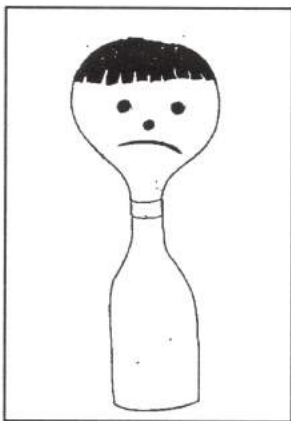
g) Agora é hora de combinarem como brincar com a dobradura pronta.



Sugestão: *Parábola da ovelha perdida* (Lucas 15.3-7)

Duas ovelhas se encontram no campo. Uma delas conta como se perdeu, o medo que passou e a alegria que sentiu ao ser encontrada pelo pastor. Também é importante ressaltar a alegria que o pastor sentiu ao encontrar a ovelhinha.

6. Balões



Material específico: balões e garrafas de refrigerante.

Como confeccionar: Encha um balão com ar e coloque-o sobre a garrafa. Não é preciso amarrar o balão. Ao colocá-lo sobre a garrafa, o ar ficará no balão e este se equilibrará sobre a garrafa. O balão será a cabeça do boneco. Aconselha-se colocar somente materiais leves para caracterizar o rosto. O corpo do boneco é feito amarrando um retalho de lã sobre a garrafa. Veja o desenho!

Sugestão: *Parábola do fariseu e do publicano* (Lucas 18.9-14)

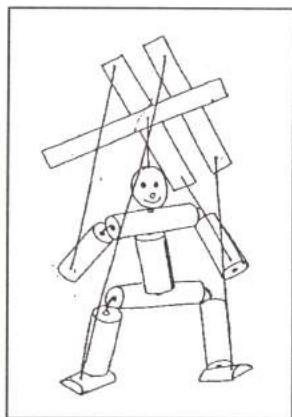
Um personagem entra em cena e conversa com as crianças. Durante a conversa, dá a entender que está dentro de uma igreja. Neste instante, entram o fariseu e o publicano e fazem as suas orações. Enquanto isto, o personagem que entrou primeiro fica mais afastado, em segundo plano, mas ainda em cena.

Quando os dois terminam suas orações, eles saem e o terceiro personagem volta a conversar com as crianças. Neste diálogo, ele procura descobrir com as crianças qual a oração que agrada mais a Deus.

II — MARIONETES

7. Marionete de papel

Material específico: Guardanapos de papel, jornais, fio de nylon ou outro fio fino e transparente e um pequeno sarrafo de madeira.

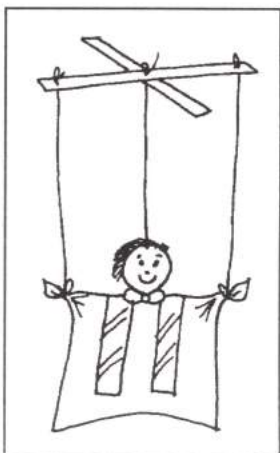


Como confeccionar: O processo de confecção desta marionete é o mesmo do fantoche de papel (nº 1). Apenas é preciso passar um fio por dentro da bola de jornal que faz a cabeça. Este fio sustentará todo o corpo da marionete e será amarrado em um pequeno sarrafo de madeira a uma altura de 70 cm aproximadamente. Para confeccionar as mãos da marionete, pega-se duas pedrinhas. Envolve-se as pedrinhas na altura em que devem ficar as mãos do boneco, amarrando-as com um fio que também será amarrado no sarrafo onde foi amarrada a cabeça. Veja o desenho!

Sugestão: *Parábola do bom samaritano* (Lucas 10.25-37)

A cena começa com o assaltado já caído e machucado. No seu pedido por socorro, deve transparecer que ele foi assaltado. Nisto entram os dois primeiros personagens que, “pensando alto”, demonstram a sua pena e expressam suas desculpas por não ajudarem. Depois entra a terceira pessoa que ajuda o homem assaltado.

8. Marionete de pano



Material específico: Um pano quadrado de aproximadamente 70 cm x 70 cm e um pequeno sarrafo de madeira.

Como confeccionar: A confecção desta marionete é igual à anterior. Pode-se acrescentar que também nestes bonecos é possível amarrar um fio de lã ao redor da cintura. Veja o desenho!

Sugestão: *Parábola do filho pródigo* (Lucas 15.11-24)

O pai conta a história de um de seus filhos que saiu de casa levando toda a sua herança. Relata também que ouviu de outras pessoas como seu filho está vivendo: primeiro

gastando seu dinheiro com amigos e depois cuidando de porcos numa fazenda. O pai fala ainda que todos os dias espera seu filho voltar. Ao dizer isto, entra o filho todo sujo e maltrapilho, ajoelhando-se e pedindo perdão ao pai. Os dois se abraçam e vão para casa.

Oração da noite

Culto de Tomé

Culto de Tomé é uma tradução literal para o nome em norueguês *Thomas Messe*. Este culto é fruto dos anseios e dos desejos de um grupo de, aproximadamente, 40 pessoas. A metade deste grupo eram pastores e pastoras e a outra metade eram leigos e leigas de Helsinki, capital da Finlândia.

No outono de 1987, este grupo se reuniu para refletir sobre qual a forma de culto que serviria para uma realidade urbana, onde a solidão, o individualismo e a ausência de espiritualidade são marcantes.

Estas pessoas trabalharam em pequenos grupos, procurando responder à pergunta: O que nós estamos precisando para sobreviver espiritualmente? Trabalhando e refletindo muito sobre as respostas dadas a esta pergunta, surgiu o Culto de Tomé.

O nome *Culto de Tomé* refere-se ao apóstolo Tomé. Conhecido por sua aparente falta de fé, Tomé foi levado a sério por Jesus, que respondeu aos seus anseios e às suas dúvidas. Da mesma forma, este culto pretende ser um espaço para pessoas com dúvidas, perguntas críticas e angústias nos nossos dias, principalmente no contexto urbano. Um lugar onde as pessoas possam refletir e orar como e quanto quiserem.

A música durante este culto é um elemento essencial. Praticamente durante todo o culto ela está presente. A comunidade é convidada a cantar, podendo-se também convidar grupos musicais ou cantores da comunidade para fazerem música durante o culto.

Diante do crescente racionalismo urbano, o elemento místico também é muito importante nesta celebração. Neste sentido, a preparação do ambiente é fundamental. É preciso criar um ambiente seguro e aconchegante, que propicie paz e convide a meditar e orar. Elementos litúrgicos como velas, panos coloridos, cruz, Bíblias, flores, procissões

e quadros são fundamentais para que as pessoas participem não só com a cabeça, mas com todo o corpo. Também um globo terrestre ou um mapa-múndi são necessários.

A seguir, transcrevemos a ordem do Culto de Tomé, como ele é realizado em Oslo, na Noruega, desde 1993.

1. Procissão

Obreiros, obreiras, leigos e leigas oficiantes do culto entram em procissão.

2. Confissão dos pecados e absolvição

Além do obreiro ou da obreira, também duas pessoas leigas proferem uma confissão de pecados.

3. Orações pessoais e intercessões

Neste momento, toda a comunidade é convidada a participar das orações nos quatro espaços disponíveis para fazê-lo. Os espaços para orações serão os seguintes:

1. *Pedidos de intercessão*: Um espaço com pequenas fichas e canetas onde as pessoas possam escrever motivos pessoais de intercessão. Os pedidos são colocados num cesto ou em outro recipiente que estará no local. Estes pedidos podem ser encaminhados da seguinte maneira: a) Faz-se uma oração no final da celebração, incluindo todos os pedidos ali colocados. b) Inclui-se estes pedidos de oração nas próximas celebrações. Neste caso, é fundamental pedir que as pessoas assinem seus pedidos. É importante esclarecer no início do culto que procedimento será adotado em relação a estas orações.

2. *Intercessão pelo mundo*: Ao lado do altar principal, monta-se um outro. Neste altar, haverá algo que simbolize a Terra como um todo: um globo terrestre ou um mapa-múndi. Junto ao globo ou mapa estarão velas à disposição. As pessoas podem se dirigir até este altar, acender uma vela e orar por alguma situação específica ou pela paz no mundo em geral.

3. *Oração individual no altar*: Junto ao altar principal, também estarão à disposição velas para orações individuais. Semelhante ao

espaço anterior, as pessoas se dirigem espontaneamente até o altar, acendem uma vela e fazem uma breve oração, retornando em seguida aos seus lugares.

4. *Intercessão pessoal*: Líderes leigos ou obreiros colocam-se à disposição para pedidos de intercessão pessoal. Em duplas ou individualmente, estes líderes terão à sua frente uma cadeira. Quem se sentir motivado, poderá ocupar uma das cadeiras, conversar com as pessoas e expor seu pedido de intercessão. Em seguida, as pessoas que ouviram o pedido colocam a mão sobre o ombro da pessoa sentada e fazem uma breve oração. Cabe às pessoas organizadoras escolherem o local mais adequado para oferecerem este espaço. Nas Semanas de Criatividade estas pessoas estavam sentadas atrás da comunidade. Numa igreja aconselhamos que estes líderes se posicionem também no altar.

Durante toda a meditação, as pessoas ficam sentadas nos seus lugares, levantando espontaneamente para irem a qualquer um dos espaços citados acima. Além das quatro possibilidades acima, ainda podem ser formadas duplas ou trios de oração lá onde as pessoas estiverem sentadas. Ou, quem preferir, poderá passar toda a meditação em silêncio, meditando, orando, como quiser.

A comunidade canta ou ouve hinos meditativos relacionados à oração. Sugestões de hinos para este momento:

Hinos do povo de Deus: 117, 176, 195, 197, 206, 216, 221, 229, 233, 253, 254, 286.

4. Leitura bíblica

Textos dos evangelhos ou das cartas do Novo Testamento
Sugestões: Lucas 11.5-13; 18.1-8; Colossenses 3.12-17

5. Pregação

Um pessoa leiga ou um obreiro faz uma breve reflexão sobre o texto lido ou outro escolhido por ele.

6. Confissão de fé

Pode ser o Credo Apostólico, mas o grupo organizador pode também pensar uma maneira diferente para a comunidade confessar sua fé.

7. Coleta

Na Noruega, a coleta deste culto geralmente é destinada ao trabalho de missão. Achamos que o mesmo poderia acontecer aqui.

8. Santa Ceia

Cada equipe organizadora deve decidir quanto à inclusão ou não da Santa Ceia.

9. Bênção

10. Procissão de saída

Observações finais: Os/As participantes das Semanas de Criatividade devem ter percebido que o nosso culto não transcorreu exatamente desta forma. Podemos ter a liberdade de adaptar esta sugestão de liturgia às nossas necessidades e condições. Por outro lado, não podemos descaracterizar o culto em si. Talvez o ideal seja a participação de pessoas envolvidas na equipe de liturgia da comunidade ou da paróquia.

Acolhimento no Reino

Meditação da manhã

E ainda há lugar

(Preparar o altar com os seguintes elementos: cruz, Bíblia, vela, flores e algumas tigelas com frutas cortadas em pequenos pedaços. Também enfeitar o altar com frutas inteiras.)

1. Canto: Eu vou cantar (cancioneiro *Uma canção de esperança*, nº 39)

2. Invocação

Realizamos esta meditação em nome de Deus, que acolhe as pessoas com muito amor. Em nome de Jesus Cristo, que, através da palavra e do gesto, mostrou este acolhimento. E em nome do Espírito Santo, que nos anima a acolher as outras pessoas, demonstrando que elas têm um lugar.

3. Não há lugar?

(Formar grupos de seis ou sete pessoas. Uma pessoa sai de cada grupo. As demais fazem um círculo bem fechado, não deixando espaço/lugar para a outra entrar. As pessoas que ficaram fora do círculo são convidadas a entrarem no seu grupo, ocupando um lugar. Porém, o grupo não permite.

Depois de algum tempo, todas as pessoas param a brincadeira, mesmo que aquela pessoa que estava do lado de fora não tenha entrado. Todas sentam no chão, permanecendo nos seus grupos. Neste momento, compartilham sentimentos.)

— Como se sentiram as pessoas que ficaram de fora?

— Como se sentiram as pessoas que não deram lugar no círculo?

Em todos os lugares, há pessoas sem família, desempregadas, sem casa, sem terra... Há pessoas que são rejeitadas por causa da idade, da situação econômica, de uma deficiência, da aparência, de uma doença... Estas pessoas não encontram um lugar, nem lhes é oferecido um lugar ou não recebem um convite para ocuparem um lugar.

4. E ainda há lugar

4.1. *Leitura da história baseada em Lucas 14.16-24*

Um homem rico preparou uma festa. Ele e os empregados enfeitaram a casa com fitas coloridas e muitas luzes. Na sala, colocaram uma grande mesa, cheia de frutas, bolos, salgadinhos e bebidas. Só de olhar tudo aquilo dava água na boca.

Quando tudo estava pronto, o homem pediu que um dos empregados fosse chamar os convidados. O empregado foi, mas voltou sozinho e logo explicou:

— Senhor, todos os convidados têm outros compromissos. Um comprou uma fazenda e precisa cuidar dela. O outro comprou alguns bois e precisa ver se eles trabalham bem. O último que convidei, disse que recém tinha casado e também não aceitou o convite.

O homem ficou muito chateado. Então, sem demora, deu uma nova ordem ao empregado:

— Vá pelas ruas da cidade e traga para a festa todas as pessoas pobres, aleijadas, doentes e também aquelas que não têm um lugar para morar.

O empregado novamente fez o que o patrão ordenara. Porém, desta vez, ele não voltou sozinho. Várias crianças e mulheres e vários homens aceitaram o convite e vieram com ele. Não demorou muito e a risada das crianças alegrou a festa.

Um dos empregados falou ao patrão:

— Fizemos conforme o senhor mandou, e ainda há lugar.

O homem olhou para a sala e, vendo que realmente havia lugares vazios, falou:

— Volte para as ruas e busque mais pessoas! Vamos encher a casa e alegrar mais esta festa. Vá logo, pois ainda há muitos lugares!

4.2. *Acolher e festejar*

Conforme o texto bíblico, aquelas pessoas que nada tinham para

oferecer, aquelas que eram esquecidas ou rejeitadas na sociedade, encontraram um lugar. Elas foram convidadas para estarem presentes. Para algumas pessoas, elas não tinham mérito nenhum para que isto acontecesse. Porém, elas foram à festa. Foram porque o senhor as convidou.

Esta é uma das parábolas que fala da graça e da misericórdia de Deus. Ela revela a bondade do festeiro, que oferece um banquete àquelas pessoas que eram desprezadas. E elas entram no banquete, no Reino.

Com alegria, nós vamos fazer uma “festa” para comemorar este acolhimento e esta entrada no banquete. Esta festa também quer ser sinal de que nós podemos oferecer um lugar para as pessoas que encontramos no nosso dia-a-dia. Sinal de que realmente há lugar. Esta festa tem dois momentos (Realizar o primeiro momento e, só depois que este estiver concluído, explicar e realizar o segundo momento):

a) Primeiro, vamos acolher a pessoa que no início do jogo ficou do lado de fora do círculo. Há lugar para ela também. Enquanto cantarmos a música “Eu vou cantar”, ela receberá um abraço de todas as pessoas do seu grupo.

b) Agora, juntos, vamos realizar a grande ceia para a qual as pessoas são convidadas e ainda há lugar. Para isto, vamos formar um círculo e algumas pessoas pegam as tigelas com as frutas que estão no altar. Depois, cada qual se dirige a uma outra pessoa do grupo e oferece um pedaço de fruta para ela. Também diz a ela uma palavra de acolhimento. Esta pessoa pega a tigela e faz o mesmo com outra pessoa. Todas pessoas devem receber um pedaço da fruta e uma palavra de acolhimento.

5. Oração: Pai Nosso

6. Canto: Um abraço dado (*Manual para o Culto Infantil*, p. 238).

A — ROTEIRO DE ESTUDO

1º momento

a) *Diálogo sobre:*

- O que é misericórdia?
- O que é graça?

Misericórdia: compaixão despertada pela miséria alheia; graça; perdão. É chamada de miserável uma pessoa muito pobre, digna de compaixão. Há também a expressão “grito de misericórdia”, que é o grito de quem pede compaixão, piedade ou socorro.

Ao observar a formação da palavra misericórdia, descobrimos: ter um coração (cardia) aberto para o pobre (misererer).

Graça: favor, benevolência, perdão. A expressão “cair em graça” significa ser acolhido com afeto, merecer simpatia.

As duas palavras, misericórdia e graça, têm significados comuns e as duas podem ser relacionadas com perdão, afeto, acolhimento...

b) Gesto de misericórdia

Antes de realizar a dinâmica a seguir, fazer alguns exercícios de aquecimento: levantar, espreguiçar, bocejar, movimentar os braços e as pernas, caminhar na ponta dos pés, caminhar rápido e devagar. No final, pedir que o grupo caminhe, ocupando os espaços que ainda estão vazios dentro do círculo de cadeiras. Após isto, todos param.

Em silêncio, lembrar-se de um fato onde uma pessoa deu um “grito” de misericórdia. Por que ela “gritou”? Que gestos ela fez? Qual era a expressão do seu rosto? E de todo o seu corpo?

Depois de algum tempo, cada pessoa do grupo procura representar um “grito” de misericórdia. Fazer isto sem usar a voz; apenas com a expressão do corpo. Congelar esta imagem e fechar os olhos.

A pessoa que coordena faz um gesto de acolhimento, de misericórdia, em algumas pessoas do grupo. Estas são convidadas a imaginarem um gesto de acolhimento que possa mudar uma situação de dor, de sofrimento. Depois, farão este gesto para as outras pessoas do grupo. Assim, estas pessoas também são convidadas a saírem do seu lugar e a fazê-lo nas outras pessoas, acolhendo-as. No final, antes de sentar, formar um grande círculo para o abraço grupal, ou seja, círculo com todos abraçados.

2º momento — Parábolas que expressam a misericórdia no Reino

a) Introdução

Comentário: Muitos reinados já existiram e ainda existem em diferentes países do mundo. Nestes reinados, o que geralmente se destaca e impressiona as pessoas é o poder, a autoridade, a majestade,

a riqueza... do rei ou da rainha. A partir disso, que tipo de relação um rei ou uma rainha tem com os seus súditos?

No reinado de Deus, o destaque, aquilo que sobressai, é algo diferente. É algo que procuramos vivenciar um pouco na meditação e na dinâmica anterior.

A misericórdia de Deus é muito forte e marcante. Ela também é expressa através das parábolas do Reino. Esta misericórdia é tão marcante que parece ser encontrada em quase todas as parábolas. Porém, há um grupo de parábolas que podemos classificar como parábolas da misericórdia ou da graça de Deus, conforme agrupamento apresentado na 1ª PARTE deste livro.

A misericórdia de Deus está presente desde o início, quando Deus escolheu o povo de Israel para ser o seu povo (Deuteronômio 6.20-25). Mais tarde, se manifesta através do envio de seu Filho Jesus Cristo, que mostra com clareza e segurança o seu amor pelas pessoas fracas e abandonadas. Jesus demonstra aceitação, misericórdia e comunhão através do agir, mas também através do ensino, nas parábolas que ele contou.

“No reinado de Deus, sobressai a sua graça, que determina a sua maneira de ação e relação para com os seus súditos, os pecadores. As parábolas da graça do Reino foram contadas para demonstrar a bondade de Deus para com aqueles que de, outra forma, seriam os mais desgraçados de todas as criaturas. Elas ilustram a graça, a misericórdia, a compaixão, a piedade ou o amor de Deus”.⁸

A maioria das parábolas deste grupo parece ter surgido a partir da polêmica e das discussões de Jesus com as autoridades religiosas e políticas dos judeus daquela época. Estas parábolas também eram dirigidas a estas autoridades. Quem eram estas pessoas?

b) Para quem?

Verificar em alguns textos a quem eram dirigidas as parábolas. Na segunda parte deste estudo — reflexões sobre o tema — há um breve comentário sobre cada um dos grupos que estão listados a seguir.

— Lucas 15.2: fariseus e escribas.

— Lucas 7.41-43 (verificar também o versículo 36): fariseu chamado Simão.

8 O. A. MIRANDA, op. cit., p. 151.

— Lucas 18.9-14: fariseus.

— Mateus 21.23: principais sacerdotes e anciãos do povo — membros do Sinédrio.

Comentário: Através dos textos percebe-se a oposição que havia entre Jesus e determinados grupos de pessoas, principalmente os fariseus. As parábolas, neste caso, eram como uma resposta a esta oposição. Porém, esta resposta parece ter sido dada para “ilustrar a misericórdia de Deus; para ensinar como Deus, na vinda do seu Reino, através do ministério de Jesus, estava buscando, aceitando e perdendo os pecadores perdidos. Quando Jesus falava, fazia-o para ensinar e não para se defender.”⁹ Esta resposta era dada para ensinar, para realçar a graça de Deus, e não para Jesus simplesmente se defender das críticas que as pessoas faziam porque ele tinha comunhão com as pessoas pobres, abandonadas e desprezadas.

c) Algumas parábolas de misericórdia

Difícilmente encontramos uma parábola que contenha o conceito completo da misericórdia de Deus. Ao estudá-las, perceberemos que cada uma exemplifica um aspecto da misericórdia do Reino, através de uma comparação especial, singular.

O quadro, apresentado na 1ª PARTE, sugere dez parábolas para este grupo. Neste estudo, serão trabalhadas apenas cinco delas:

	Mt	Mc	Lc
1. Os trabalhadores da vinha	20.1-16		
2. O fariseu e o publicano			18.9-14
3. A ovelha perdida	18.10-14		15.3-7
4. A dracma perdida			15.8-10
5. O filho pródigo			15.11-32

d) Trabalho em grupos

Jogo para a divisão dos grupos: bolhas de sabão.

Formar duplas e dar as mãos. As duplas procuram imitar bolhas de sabão, flutuando no local do encontro. Quando um par encosta no

9 Id. *ibid.*, p. 154.

outro, a bolha estoura e, assim, ocorre a troca de pares. Este jogo é bom para misturar a turma e criar mais amizade.

Depois de algum tempo, parar o jogo, mas permanecer em duplas. Então, juntar duas duplas, formando grupos de quatro. Este grupo trabalhará junto no momento que vem a seguir. Se o número de participantes for grande, se poderá juntar quatro duplas, formando grupos de oito.

Tarefa dos grupos

Cada grupo recebe uma das parábolas que foram citadas acima e faz o estudo, a partir das seguintes perguntas:

- Com que Jesus compara o Reino de Deus?
- Para quem Jesus fala?
- Que valores, tradições ou leis estão sendo reforçados ou criticados?
- Onde está a mensagem? Qual é a mensagem?
- A partir da mensagem, vocês dariam outro título para a parábola? Qual?

As perguntas acima são um auxílio para o estudo, porém, em plenário, o grupo apresenta apenas as duas últimas questões e mais algum aspecto que quiser destacar.

Além disto, o grupo também tem a tarefa de escolher um jogo /uma brincadeira para apresentar e jogar com todos os participantes. As parábolas em estudo falam de misericórdia, graça, perdão, acolhimento, afeto... Por isso, o grupo deve escolher um jogo de cooperação, ou seja, um jogo em que todas as pessoas participem, que desenvolva a comunhão, a afetividade. Este jogo quer ser um sinal de que, a cada dia, cada pessoa pode acolher outra pessoa e, assim, vivenciar o que é expresso nas parábolas que falam da misericórdia do Reino.

Observação: Pode ser um jogo conhecido pelo grupo ou inventado na hora. Também, pode-se transformar ou mudar um pouco algum jogo que o grupo conheça.

e) Apresentação do estudo e dos jogos

Cada grupo apresenta o seu estudo — as duas perguntas e mais algum aspecto que queira destacar — e, logo a seguir, realiza o jogo.

Comentário final

As parábolas da misericórdia mostram que no reinado de Deus é diferente... É preciso que a cada dia as pessoas se envolvam com esta nova realidade do Reino de Deus e a levem adiante. Que coloquem sinais de que a vontade de Deus está sendo cumprida, sinais da presença do Reino. Estes sinais existem lá onde as pessoas não são rejeitadas por causa de sua cor, sexo, deficiência, condição social... Existem lá onde há acolhimento, perdão, graça, misericórdia... A cada dia, as pessoas, através de palavras e ações, podem ser portadoras destes sinais.

B — REFLEXÕES SOBRE O TEMA

As parábolas deste grupo têm como “lição principal a comunicação de um dom gracioso de Deus. Expressam um favor imerecido, uma dádiva de dom ou perdão imerecido.”¹⁰ Este aspecto ajuda a classificar as parábolas como sendo de misericórdia do Reino.

Através das parábolas, Jesus realiza a sua missão de revelador de Deus, de evangelizador do Reino e de libertador dos pecadores, pobres, rejeitados... Através delas se conhece a novidade do Reino de Deus. Descobre-se que Deus não faz acepção de pessoas. Para ele, ninguém é tão miserável e pecador que não possa fazer parte do seu Reino. Através delas Jesus também chama a atenção daquelas pessoas que se consideravam as melhores e as merecedoras das bênçãos de Deus. Estas pertenciam a diferentes grupos:

* *Fariseus*: Eram líderes religiosos que observavam com muito rigor os costumes e as leis. Isto eles também exigiam das outras pessoas. Eles se consideravam os abençoados, os puros, e chamavam de ímpuros aqueles que tivessem contato com doentes, pagãos e outros pecadores.

* *Escribas*: Consideravam-se os mestres das Escrituras. Eram praticamente os únicos que sabiam ler e, por isso, tornaram-se os “donos” do saber. Interpretavam as leis e, do jeito que achavam melhor, ensinavam

¹⁰ Ibid., p. 154-155.

ao povo como deveriam cumpri-las. Jesus os acusou, dizendo que não praticavam o que ensinavam.

* *Principais sacerdotes e anciãos do povo*: Formavam o Sinédrio — um conselho ou concílio. Também já existia antes do tempo de Jesus. Era o nome dado ao mais alto tribunal dos judeus.

Alguns textos falam em 'publicanos. Eram pessoas com as quais Jesus tinha contato. Os publicanos, conforme os fariseus e escribas, faziam parte do grupo de pecadores. Eram pessoas que cobravam impostos. Entregavam um percentual aos romanos e ficavam com o restante. Ninguém gostava deles, pois cobravam altos impostos e o povo ficava cada vez mais pobre.

Algumas parábolas de misericórdia

*** Mateus 20.1-16**

A maneira como a parábola foi construída — a contratação, o momento do pagamento — mostra com mais força o contraste da situação. Este contraste realça a mensagem da parábola.

O pagamento a partir dos últimos trabalhadores contratados mostra a arte do Mestre das parábolas. Se o pagamento iniciasse pelos primeiros trabalhadores, estes receberiam o dinheiro, iriam embora, não presenciaram o pagamento dos seguintes e não reclamariam. O pagamento a partir dos últimos trabalhadores cria o contraste. Neste momento, aparece a igualdade de tratamento dado para pessoas que trabalharam diferentes números de horas. Aquelas pessoas que trabalharam uma hora receberam o mesmo que aquelas que trabalharam o dia inteiro.

Jesus cria uma situação inesperada. Os trabalhadores não esperavam por isto. Esta situação chama a atenção e é o motivo da reclamação. Esta situação inesperada também chama a atenção dos ouvintes. Estes são convidados a refletirem sobre o assunto.

A lição da parábola está relacionada com aquelas pessoas que trabalharam apenas uma hora, porém, sem merecer, receberam o mesmo pagamento. A parábola mostra a bondade e a graça do proprietário da vinha. Este é o elemento de comparação com o Reino de Deus, mostrando, assim, a graça do Reino.

Naquela época, pelas ruas e praças, havia muitas pessoas que pediam esmolas, que migravam de um lugar para o outro, que tinham

vendido suas pequenas propriedades de terra por causa da exploração de alguns grandes proprietários, enfim, se vivia a falta de trabalho. Pensando nisto, a parábola mostra que os trabalhadores receberam de acordo com a necessidade deles e não de acordo com quantidade de trabalho. Isto mostra com mais ênfase a graça/a misericórdia de Deus. Ele concede dons àqueles que necessitam, mesmo que para os olhos da maioria das pessoas eles não o mereçam. Jesus, através da parábola, também aponta para a justiça de Deus como sinal de seu Reino. Mostra a soberania de Deus e o seu amor, que se preocupa com aquelas pessoas que não têm chance, que são desprezadas.

* *Lucas 18.9-14*

Nesta parábola, o fariseu se coloca numa posição visível e ora. Com todo o orgulho, ele fala dos pecados que evitou e se mostra como o grande merecedor do perdão de Deus. Ele enumera obras que não era obrigado a fazer, mas fez. Por exemplo, ele diz que jejuava duas vezes por semana, quando era necessário só uma vez. Diz também que paga o dízimo de tudo quanto ganha. Neste caso, o dízimo já pode ter sido pago pelo produtor de quem ele recebe o que ganha. Ele mostra a sua doação pessoal (jejum) e ainda fala da doação econômica (dízimo).

O publicano, que era evitado pelas pessoas que se consideravam melhores do que as outras, por exemplo, pelos fariseus e escribas, também ora. Porém, de uma maneira muito diferente. Ele nem ousa erguer os olhos para o céu. Bate as mãos no peito. Este gesto normalmente não era usado nas orações. Pelo contrário, as pessoas colocavam as mãos para o alto. Este gesto do publicano é expressão de desespero. A sua dor é profunda. É, também, expressão de arrependimento.

O publicano é perdoado. A palavra justificado, neste texto, tem o sentido de receber uma graça com a aceitação de Deus. Aqui o publicano aparece como a pessoa que não tinha mérito nenhum. Ele é perdoado. O fariseu, que se auto-justifica, não é perdoado. A parábola, como as demais deste grupo, sublinha a graça/a misericórdia do Reino. Deus “diz sim ao pecador desesperado (...) Sua misericórdia com os de coração contrito é sem limite.”¹¹

11 J. JEREMIAS, op. cit., p. 146.

*** Lucas 15.3-7**

Esta parábola, mais as outras duas deste capítulo, expressam a graça de Deus de maneira muito acolhedora e cativante.

A ovelha está perdida e o pastor vai buscá-la. Ele faz isto não por causa do valor da ovelha no mercado, mas por causa do seu amor por ela. A ovelha pertence ao pastor e ela, sem a sua ajuda, não consegue voltar ao rebanho. A ênfase da parábola está na busca; no amor e na misericórdia do pastor que o move a ir atrás da ovelha. Isto lembra “que a presença de Jesus entre os publicanos e pecadores era a manifestação da graça de Deus.”¹²

Versículo 5: Era assim que acontecia naquela época. Geralmente, quando uma ovelha se perdia, ficava cansada ou estava machucada e não conseguia mais levantar e andar. Quando o pastor a encontrava, precisava carregá-la. Se o caminho de volta era longo, ele colocava a ovelha sobre os seus ombros, em volta do pescoço e a levava para o meio das outras. Podia ser penoso, mas ele o fazia com alegria. A alegria é consequência da busca e do encontro.

*** Lucas 15.8-10**

As moedas, citadas na parábola, lembram um enfeite, cheio de moedas, que as mulheres usavam na cabeça. Era um enfeite que fazia parte do dote de casamento das mulheres. Era a posse mais preciosa que elas tinham e era um dinheiro que podia ser usado em caso de uma emergência. Por ser de uma moeda chamada dracma, pertencia a uma mulher pobre. Por isso, a moeda que se perdeu, muito mais do que um valor econômico, tinha um valor de estimação muito grande.

O ponto principal da parábola trata do interesse e da persistência da mulher na procura da moeda. Ela não desiste de procurar. Esta procura novamente lembra o interesse de Deus pelos pecadores através do ministério de Jesus.

Naquela época, os grupos que se consideravam os melhores e que achavam que mereciam as bênçãos de Deus (fariseus, escribas, etc), chamavam de pecadoras as pessoas que exerciam profissões consideradas desonrosas, que podiam levar à desonestidade ou imoralidade, por

12 O. A. MIRANDA, op. cit., p. 79.

exemplo, cobradores de impostos, pastores, vendedores ambulantes. Também eram pecadoras as prostitutas, as falsificadoras, etc. Estas pessoas eram desprezadas e a elas era negado qualquer direito civil.

*** Lucas 15.11-32**

Assim como nas duas parábolas acima, o título coloca ênfase naquilo que não é a lição da parábola. A própria palavra *pródigo* é mal interpretada. *Pródigo* é quem desperdiça, quem gasta à toa; e não significa, necessariamente, perdido. Nesta parábola, e em outras deste grupo, o título não está de acordo com aquilo que a parábola tem de mais importante.

O ponto forte da parábola não está na questão da perdição, mas, sim, na maneira como o pai agiu. O que acontece quando o filho volta para casa é o cenário do amor, da misericórdia, da graça, que domina o Reino de Deus.

Também esta parábola contém a idéia de que aquele que recebe a bênção não a merece. Para muitas pessoas, o filho não merece ser aceito com toda a honra, pois já havia esbanjado tudo o que acreditava ser seu.

A parábola tem vários detalhes significativos, que a embelezam, que tornam tudo mais verdadeiro e que ajudam a indicar onde se encontra a mensagem:

Versículo 20: O pai corre ao encontro do filho. Correr, para um oriental idoso, era totalmente incomum e abaixo da sua dignidade. Mesmo que a pessoa estivesse com muita pressa, ela não agia assim.

A parábola fala no pai, no filho mais novo, no filho mais velho, porém, não fala na mãe. Incluir a mãe não era de bom tom para o sentimento oriental, mas é claro que ela também está envolvida.

Neste versículo, ainda há dois gestos muito acolhedores — o abraço e o beijo. O beijo era sinal de perdão.

Versículos 22 e 23: Cada um dos elementos citados nas três ordens tem um significado. A pessoa que recebe a melhor roupa é considerada muito importante; significa uma alta distinção. Pôr nova veste também é figura do tempo de salvação. A entrega do anel e das sandálias significa a entrega de plenos poderes. Só uma pessoa livre usa sapatos; o filho não era mais escravo. Só se matava um bezerro em ocasiões

especiais. Era preciso fazer uma festa de alegria pelo filho que voltou à comunhão de mesa.

As ordens são o sinal visível do perdão e do restabelecimento na condição de filho. Todas as pessoas ali devem reconhecer isto.

A referência ao filho mais velho é parte integrante da parábola. “É preciso lembrar que a situação no ministério de Jesus implica num contraste entre escribas e fariseus de um lado e publicanos e pecadores do outro (15.1-2) — fazendo assim o paralelo entre o pródigo como o povo comum, e o filho mais velho como o tipo dos escribas e fariseus.”

O filho mais velho se parece com as pessoas que se escandalizam com o que Jesus diz e que precisam ser atingidas na consciência: “O amor de Deus é tão grande e vocês ficam aí parados, sem participar da alegria, sem amor e com o sentimento de auto-justificados.”

O filho mais velho não se decide e a parábola termina. Aí se espelha a realidade: Os ouvintes precisam se decidir, reconhecer a falta de amor que os separa de Deus.

Nas três parábolas deste capítulo, a ênfase não está na perdição, mas no fato de que as pessoas perdidas são procuradas e recebidas. Através delas, conhecemos a lição da busca e da aceitação. Procurar, buscar, achar, aceitar e receber são lições que expressam a graça e a misericórdia de Deus.

Alguns jogos cooperativos

a) Cadeira viva

Formar grupos de três. Duas pessoas ficam de frente uma para a outra e entrelaçam os braços, formando uma cadeira. Depois, oferecem esta cadeira para a outra pessoa do grupo sentar. Para isto, a dupla precisa se abaixar um pouco. A pessoa senta e é carregada pelo local. Depois de algum tempo, trocam-se as posições, para que todas pessoas possam ser carregadas. (Brincadeira feita após o estudo da parábola da ovelha perdida, lembrando o pastor que carrega a ovelha que ele buscou e encontrou.)

b) As cadeiras “dançam”

Conforme o número de pessoas, formar duas colunas de cadeiras

ou deixá-las espalhadas pela sala. Enquanto toca uma música, as pessoas caminham em volta das cadeiras. Quando a música pára, cada pessoa procura uma cadeira para sentar. Depois, a música recomeça e as pessoas voltam a caminhar. Então, a pessoa que coordena, tira algumas cadeiras. A música pára novamente e as pessoas procuram uma cadeira para sentar. Faltarão algumas cadeiras, por isso, algumas pessoas sentarão no colo de outras. Assim, continua a brincadeira. Cada vez são tiradas duas a três cadeiras e as pessoas vão sentando no colo das outras. As cadeiras “dançam”, ou seja, elas saem, porém, as pessoas continuam, isto é, elas não são excluídas. Observação: No final, permanecem algumas cadeiras. Não é aconselhável deixar apenas uma cadeira.

c) Jogo de confiança

A pessoa que inicia a brincadeira, fica num lado da sala ou do local do encontro e as demais pessoas ficam do outro lado, permanecendo o espaço no meio vazio, sem nenhum objeto que possa atrapalhar. A pessoa que está sozinha, convida uma pessoa do outro lado para vir ao seu encontro, correndo em linha reta, de abraços abertos e de olhos fechados. A pessoa que vai acolhê-la, também está de abraços abertos e cuidará para que ela não bata na parede. Para isto, acompanhará os movimentos da pessoa que está com os olhos fechados. Quando estiver do outro lado, será recebida com um abraço.

d) Torre de comunicação

Uma pessoa fica de olhos vendados e uma outra fará o papel da torre. Dentro de um espaço (caminho) delimitado, são colocados diversos objetos. A pessoa de olhos vendados fica num lado do caminho e a outra no outro lado. Aquela que guia, fala que direção a pessoa de olhos vendados deve seguir para não derrubar ou pisar nos objetos espalhados pelo chão. Quando chega do outro lado, é recebida com um abraço.

Oração da noite

Gestos de acolhimento

(*Material necessário:* Além dos elementos usados no altar, acrescentar quatro panos coloridos.)

1. Canto

⁶ Envia teu Espírito, Senhor (Ver meditação da noite da 1ª PARTE: um convidativo vazio!).

2. Invocação

Estamos reunidos em nome de Deus, que nos protege e ama como um pai carinhoso e uma mãe carinhosa. Em nome de Jesus Cristo, que nos mostra este amor e nos ensina a amar as pessoas. E em nome do Espírito Santo, que nos motiva a levar o dom do amor às outras pessoas.

3. Leitura bíblica: Lucas 15.20-24

4. Misericórdia e acolhimento

Hoje, mais uma vez, vimos o amor que Deus tem por sua criação. O grande sinal disto é que ele enviou o seu Filho para ensinar, anunciar e viver a misericórdia presente no seu Reino. Jesus mostrou como Deus busca, aceita e perdoa as pessoas. Ele mesmo é o sinal concreto da presença do Reino entre as pessoas, sinal da presença da misericórdia.

Esta boa notícia motiva as pessoas a se preocuparem umas com as outras e também a vivenciarem misericórdia umas com as outras. Com certeza, cada um/a de nós, de alguma forma, vivencia graça e misericórdia na família, na comunidade, com os/as amigos/as, os/as colegas de trabalho e de estudo... E isto também queremos fazer agora. Desta forma, queremos transmitir novo ânimo, nova coragem, para que cada um/a continue transmitindo carinho e a boa notícia da misericórdia de Deus por todos os lugares que passar.

Para isto, vamos fazer uso de dois gestos que fazem parte da parábola do filho pródigo. Gestos que transmitem acolhimento, perdão, amor.

4.1. Um abraço e um beijo

Quando o filho chega em casa, o pai o acolhe com um abraço e um beijo.

(Neste momento, quatro pessoas são convidadas a pegarem os panos e com eles envolverem outras pessoas. Cada uma pega um pano e envolve uma pessoa. Ao envolvê-la, também dá um abraço e um beijo, sem nenhuma palavra. Esta pessoa que recebe o pano, vai envolver outra pessoa. E assim prossegue, até que todas sejam envolvidas. No final, forma-se um círculo.)

5. Oração

(Formar um círculo com todas as pessoas em pé e abraçadas. Convidar algumas pessoas do grupo a participarem da oração. Encerrar com o texto que está a seguir e a oração Pai Nosso.)

“Querido Deus,

que cada vez mais nossas palavras narrem a tua bondade,

que os nossos atos proclamem o teu amor,

que a nossa vida testemunhe a tua graça.”

Pai Nosso...

6. Canto: Deus te abençoe (cancioneiro *Uma canção de esperança*, nº 69).

Exigência do Reino

Meditação da manhã

Vigília

(Participantes parados em círculo, de mãos dadas, ao redor do altar.)

1. Saudação e invocação

”Quem está perto de Jesus,
está perto do fogo;
quem está longe de Jesus,
está longe do Reino.”

Iniciamos a nossa meditação parafraseando palavras que foram ditas e escritas no início da era cristã. Nesta certeza da presença de Jesus e da sua proximidade, queremos invocá-lo em nosso meio e também saudar a todos vocês, nesta manhã. Queremos expressá-lo simbolicamente, acendendo o “fogo” no altar (alguém acende a vela) e chegando bem perto (todos, de mãos dadas, se aproximam o máximo possível do altar). Quando nos reunimos em nome de Deus, nos aconchegamos necessariamente também uns aos outros.

2. Canto intercalado: O lucernário (*Celebrações do povo de Deus*, p. 39).

3. A exigência do Reino: breve reflexão sobre o “fogo”

“Quem está perto de Jesus,
está perto do fogo...”

Fogo lembra luz, calor, perigo e, como expressamos no altar, é símbolo da presença e da proximidade de Deus em nosso meio. Fogo é “fogo”, é brasa, é chama acesa. Jesus ilumina, aquece, envolve e contagia a quem se achega a ele, mas, também, exige obediência total e seguimento radical. Esta é a sua exigência, a exigência do Reino!

As parábolas de Jesus são palavras que falam da graça e da misericórdia de Deus e do acolhimento no seu Reino. Porém, elas nos lembram também da exigência da hora e nos desafiam a sermos e vivermos vigilantes, como podemos ver na leitura bíblica a seguir.

4. Canto intercalado: O lucernário

5. Leitura bíblica: A parábola das dez virgens — Mateus 25.1-13

Convidamos a todos para sentarem no chão, de olhos fechados, numa posição de vigília. Queremos escutar uma leitura bíblica, de forma pausada, procurando sentir, ver, ouvir e imaginar as diferentes cenas e situações da história.

6. Canto intercalado: O lucernário

7. Momento de vigília: uma ação parabólica

Na leitura bíblica ouvimos que Jesus disse: “Fiquem vigiando porque vocês não sabem qual será o dia nem a hora.” (Mateus 25.13) Eis o imperativo: Vigiem! Sejam vigilantes!

Ainda sentados no chão, de olhos fechados, em posição de vigília, queremos agora meditar, em silêncio, sobre algumas perguntas, demonstrando nossos pensamentos e nossos sentimentos por meio de gestos e outras expressões corporais:

— O que nos leva a sermos e vivermos vigilantes?

— Quais são os clamores que vemos e que ouvimos ao nosso redor, “em nossa escuridão”?

— Que experiências de vigília nós temos?

Neste momento, convidamos algumas pessoas a compartilharem experiências de vigília que elas têm.

8. Canto intercalado: O lucernário

9. Oração

Ainda numa atitude de vigília e de olhos fechados, alguns participantes são convidados a expressarem palavras de oração a partir das imagens e mensagens vivenciadas na vigília e na leitura bíblica. Por

fim, todos se param em círculo e de mãos dadas e oram em conjunto o Pai Nosso.

10. Bênção cantada

Um abraço dado (*Manual para o Culto Infantil*, 1997, p. 238).

A — ROTEIRO DE ESTUDO

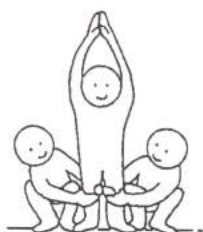
1º momento: *Um jogo de atenção*

Após a meditação, que serve, ao mesmo tempo também como motivação inicial ao estudo do tema, sugerimos fazer um jogo de atenção, intitulado: *Elefante, palmeira e girafa*.

elefante



girafa



palmeira



Todos os participantes se posicionam em círculo e uma pessoa vai ao centro. Esta indica uma pessoa que está no círculo e diz uma das palavras: elefante, palmeira ou girafa. A pessoa indicada imita a palavra dita, envolvendo para isto também a pessoa que está de cada lado seu, conforme gestos ilustrados nos desenhos abaixo. A seguir, esta pessoa indicada vai para o centro e indica outra pessoa e outra palavra a ser imitada.

2º momento: *Plenária de introdução às parábolas de crise do Reino*

(Conforme subsídios transcritos abaixo em Reflexões sobre o tema, itens 1 a 3).

3º momento: *Trabalho em grupos — Os imperativos da hora*

Os participantes são divididos em grupos para estudo de diferentes parábolas relacionadas ao tema. Sugestão de dinâmica para a subdivisão

em 10 grupos: Formam o grupo 1 todos que nasceram em dia 1º, 11, 21 ou 31; grupo 2 todos que nasceram em dia 2, 12 ou 22, e assim por diante.

Grupo 1: A parábola do porteiro ou do servo vigilante (Mc 13.33-37 e Lc 12.35-38)

Grupo 2: A parábola do assaltante (Mt 24.43-44 e Lc 12.39-40)

Grupo 3: A parábola do bom servo e do mau (Mt 24.45-51 e Lc 12.42-46)

Grupo 4: A parábola dos talentos (Mt 25.14-30)

Grupo 5: A parábola das dez minas (Lc 19.11-27)

Grupo 6: A parábola do rico insensato (Lc 12.16-21)

Grupo 7: A parábola da porta estreita (Lc 13.22-30)

Grupo 8: A parábola do hóspede sem veste festiva (Mt 22.11-13)

Grupo 9: A parábola do rico e de Lázaro (Lc 16.19-31)

Grupo 10: A parábola da recompensa do servo (Lc 17.7-10)

Tarefas para cada grupo

- a) Leitura do texto bíblico, bem como do texto paralelo, se houver.
- b) Com o que Jesus compara o Reino de Deus?
- c) Em que contexto e para que ouvintes Jesus contou a parábola?
- d) Que ações ou atitudes a parábola recomenda? Qual é a exigência da hora que a parábola contém e expressa?
- e) Qual é o imperativo afirmativo explícito ou implícito na parábola? O que este imperativo afirmativo, a seu ver, quer indicar? (Havendo mais imperativos, o grupo pode escolher um que seja mais significativo e ater-se a ele.) A partir daí, o grupo é desafiado a criar uma cena estática, contextualizando este imperativo afirmativo para os nossos dias. Para criar a cena, o grupo pode “vestir” os personagens com panos, jornais, revistas, etc. Somente o imperativo afirmativo pode ser verbalizado durante a encenação e também visualizado por escrito num contorno de pé para posteriormente ser colado, em plenária, na “estrada da vida”.

4º momento: Plenária com apresentações grupais e comentários finais

Em plenária, cada grupo traz breve síntese da sua reflexão sobre o estudo da parábola e apresenta a sua encenação, contextualizando o imperativo afirmativo para os nossos dias. Ao concluir a apresentação,

um/a participante de cada grupo cola o contorno do pé com o seu imperativo na “estrada da vida”.

O/A coordenador/a pode reservar um espaço final para debate sobre o tema e sistematização das conclusões, tomando por base o texto de Reflexões sobre o tema, item 4.

B — REFLEXÕES SOBRE O TEMA

1. Parábolas de crise do Reino

As parábolas de Jesus falam da presença do Reino e do acolhimento no Reino, mas elas falam também da exigência do Reino. Falam de misericórdia e de graça, mas falam também de crise e da seriedade da hora diante da vinda do Filho do homem. Portanto, a mensagem de Jesus e do seu Reino não é só anúncio de amor e de salvação, mas também de juízo. Muitas parábolas de Jesus tratam deste tema. São conhecidas como as parábolas de crise do Reino.

2. Contextos e ênfases

Muitas das parábolas de crise do Reino, como a parábola das dez virgens, vivenciada na meditação, se encontram no contexto do Sermão Profético de Jesus (Mt 24 a 25), o qual está inserido, por sua vez, no contexto dos relatos da Última Semana (Mt 21 a 28).

O Sermão Profético trata da vinda do Filho do homem, expressão que salta aos olhos ao lermos estes capítulos. A expressão Filho do homem não foi criada por Jesus, mas ele usou uma figura apocalíptica que já aparece em Daniel 7.13. Este termo, nos lábios de Jesus, mesmo sendo usado na terceira pessoa, parece ser referência a ele mesmo.

Não é possível chegar a uma conclusão absoluta a respeito do sentido da crise do Reino e da seriedade da hora a que Jesus se refere nestas parábolas. Ao falar em vinda do Filho do homem, estaria ele se referindo a si mesmo e à sua ressurreição ou estaria se referindo à sua segunda vinda?

Um dado importante a considerar na busca do sentido original destas parábolas é que elas não são dirigidas aos seguidores de Jesus, mas aos seus críticos e opositores, como, aliás, a maioria das suas parábolas. Elas são apologéticas, ou seja, de defesa do Evangelho. A

intenção de Jesus não é a de se defender a si mesmo da acusação dos escribas e fariseus, mas de apresentar e de realçar a graça de Deus e o seu amor que busca os perdidos por meio do seu ministério. Jesus refere-se, portanto, a uma exigência daquela hora. Para ele estas parábolas são de crise presente e não futura. Neste sentido, as parábolas de crise se relacionam, em primeiro lugar, com a presença do Reino na pessoa e no ministério de Jesus.

Nestas parábolas de crise, como nas parábolas em geral, devemos lembrar que elas tiveram um duplo lugar histórico. O lugar histórico original foi o ministério de Jesus na sua situação concreta e singular. A seguir, porém, elas foram vivenciadas na Igreja das origens. Nós só as conhecemos na forma que as primeiras comunidades lhes deram e, por isso, nos colocamos diante da difícil tarefa de reobter a forma mais original possível. Por exemplo, a parábola das dez virgens foi originalmente uma parábola de crise, tendo sido transformada pelas primeiras comunidades numa alegoria em relação à segunda vinda de Cristo, com caráter de exortação.

A que razões se deve estas modificações ou mudanças de ênfase? O fato foi que a vinda imediata do Filho do homem não aconteceu e, assim, depois da ressurreição de Jesus, a Igreja ficou esperando a sua segunda vinda, depois da ascensão (1 Ts 4.15-17, Fp 4.5, 1 Co 7.29). A Igreja esperava esta segunda vinda ainda na geração presente: “Depois nós, os vivos, os que ficarmos, seremos arrebatados...”, diz Paulo em 1 Ts 4.15-17. Porém, Jesus não veio imediatamente como aquela geração esperava. Esta condição de espera e de demora da segunda vinda fez com que estas parábolas de defesa do ministério de Jesus e de crise do Reino fossem reinterpretadas pela Igreja como exortação à segunda vinda. As modificações que ocorreram nestas parábolas se devem, portanto, à sua aplicação a situações reais das primeiras comunidades.

Por isso, ao estudar estas parábolas de crise, devemos considerar os contextos que influenciaram na sua forma literária como as encontramos hoje nos evangelhos: o contexto existencial destas parábolas no ministério de Jesus (as parábolas como Jesus as contou); o contexto existencial na vida das primeiras comunidades (as parábolas aplicadas a situações concretas na vida da Igreja) e o contexto existencial dos autores dos evangelhos (as parábolas aplicadas aos contextos específi-

cos dos evangelistas). Estes contextos ocasionaram acréscimos e expansões, especialmente nas suas introduções e conclusões.

3. A escatologia na visão de Jesus e da Igreja

Não é possível fazer clara distinção e separação entre a crise esperada por Jesus e o fim ou o juízo esperado pela Igreja. Em ambos os contextos se aponta para a escatologia, palavra que vem do grego e que indica uma referência ao fim dos tempos. Se no contexto da Igreja a referência se dá ao juízo por ocasião da segunda vinda de Jesus, ainda assim as parábolas falam da mesma crise, pois são um apelo à decisão, embora as circunstâncias nas primeiras comunidades sejam diferentes daquelas do contexto do ministério de Jesus. É difícil considerar uma parábola de caráter escatológico sem relacioná-la com a crise presente e com o juízo futuro. Assim, a mudança de ênfase verificada na transmissão oral destas parábolas do ministério de Jesus para a aplicação da Igreja e para a sua redação não altera o seu sentido original, ou seja, a sua mensagem escatológica.

“Na questão da esperança escatológica, não há diferença entre Jesus e a Igreja Primitiva. Ambos esperavam a irrupção das dores de parto ou período de tribulação como o princípio das dores.”¹⁵ “Jesus se preocupou com o começo e a Igreja esperava o fim.”¹⁶

Neste sentido, a crise do Reino não se refere apenas a um contexto histórico do passado, presente em Jesus e em seu ministério, mas é sempre presente e iminente e se refere ao encontro dos ouvintes com Jesus e com o seu Reino em qualquer época e lugar. Tal encontro exige uma decisão a favor do Reino, uma decisão que implica em fidelidade e em seguimento daqueles que se confrontam com ele.

Conforme Gerd Uwe Kliewer, “as parábolas dos capítulos 24 e 25, bem como a descrição do grande julgamento, querem ensinar e exemplificar as atitudes a serem tomadas pelos seus discípulos, durante a sua ausência. As exigências do Reino no tempo da espera são: vigilância, preparação, dedicação, prática do amor ao próximo.”¹⁷ Por isso, todas as parábolas de crise contêm um imperativo. Há urgência.

15 Id. *ibid.*, p. 51.

16 O. A. MIRANDA, *op. cit.*, p. 100.

17 *Proclamar Liberdade*, vol. II, p. 234.

Não há tempo a perder. Haverá um “tarde demais”. O desafio, portanto, é identificar em cada parábola de crise este imperativo da hora, como vemos em Mt 25.13: “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.” Esta é a exigência da hora, a exigência do Reino. A crise não é só futura, mas também presente. A hora é sempre agora!

4. O imperativo afirmativo

Compreendemos o Reino como uma realidade já presente, mas também futura. Neste sentido, a crise do Reino nunca passa. Ela continua sempre presente e atual, desde o ministério de Jesus até hoje, pois a cada hora se faz necessária a decisão em favor do Reino. Esta exigência e este imperativo da hora permanecerão até que o Reino vier na sua plenitude, como oramos na segunda petição do Pai Nosso. E, neste sentido, toda vez que alguém se confronta com o Reino, está também diante da sua exigência e do seu imperativo da hora. Urge que cada um/a faça a sua escolha a favor ou contra Jesus, a favor ou contra o Reino. As parábolas de crise alertam: Hoje é o dia propício. A hora é agora! Ainda há tempo. Amanhã poderá ser muito tarde.

Reparemos que os imperativos são afirmativos. Convém destacar este aspecto como convite ao discipulado, como desafio ao seguimento, à doação, ao compromisso, à participação, ao amor ativo, à espiritualidade vivenciada em ação solidária. Apontando estas ênfases positivas nas parábolas de crise se evitará de inculcar, em especial nas crianças, um falso moralismo, bem como o medo diante da morte e do fim do mundo.

Perguntas existenciais relacionadas a questões de fé

Cada parábola de Jesus foi contada numa situação concreta da sua vida, uma situação única e, muitas vezes, imprevisível. Cada parábola teve um lugar histórico e existencial determinado na vida de Jesus e de seus ouvintes ou adversários. As parábolas nasceram, portanto, num contexto de diálogo ou de confronto. Nasceram, em geral, de questionamentos e de perguntas existenciais. Isto se evidencia, às vezes, nos textos que as precedem (p. ex. Lc 15.1-2), na sua introdução (p. ex. Lc 10.25-29) ou na sua conclusão (p. ex. Lc 10.36-37).

Também nós, em nossa vida de fé e na Educação Cristã, queremos e devemos expressar nossas perguntas, bem como ouvir e levar a sério as perguntas das outras pessoas com que convivemos e atuamos, pois, muitas vezes, trazemos respostas a perguntas não feitas e, por outro lado, não respondemos as perguntas existentes.

A — ROTEIRO DE ESTUDO

Queremos, num primeiro momento, individualmente, fazer um levantamento de perguntas existenciais relacionadas a questões de fé e, num segundo momento, numa dinâmica grupal, procurar respondê-las. Num terceiro momento, queremos compartilhar as elaborações grupais em plenária, com comentários e reflexões complementares. (Para tal, ver Reflexões sobre o tema!)

1º momento: *Trabalho individual*

1. *Uma pergunta marcante na minha infância relacionada a questões de fé:*

Qual?

Em que idade?

Por que marcou?

Como surgiu?

2. *Uma pergunta marcante na minha vida atual como jovem ou adulto relacionada a questões de fé:*

Qual?

Em que idade?

Por que marcou?

Como surgiu?

3. *Uma pergunta marcante na minha atuação com crianças relacionada a questões de fé:*

Qual?

Com quem (que grupos, que idades)?

Por que marcou?

Como surgiu?

2º momento: *dinâmica grupal*

Cada participante recebe uma ficha e todos vão trocando suas fichas entre si. A um sinal dado, todos param e se agrupam por fichas da mesma cor.

1ª tarefa de cada grupo: Pergunta

O grupo compartilha suas perguntas anotadas, individualmente, no momento anterior. Dentre estas, o grupo escolhe uma pergunta marcante que gostaria que fosse trabalhada neste segundo momento, numa dinâmica grupal. Feita a escola, alguém do grupo escreve a pergunta na ficha da sua cor onde esteja escrito “pergunta”.

Segue nova troca de fichas e, ao sinal dado, faz-se novo agrupamento por participantes com fichas da mesma cor.

2ª tarefa de cada grupo: Resposta

O grupo lê a pergunta que está escrita em uma ficha da sua cor. Após refletir sobre esta pergunta, o grupo escreve a sua resposta em outra ficha de sua cor onde esteja escrito “resposta”.

A seguir, faz-se nova troca de fichas e, ao sinal dado, faz-se novo agrupamento por participantes com fichas da mesma cor.

3ª tarefa de cada grupo: Reação

O grupo lê a pergunta feita e a resposta dada e reflete se concorda ou não com esta resposta. A partir daí, elabora a posição do grupo, escrevendo o resumo da sua reflexão na ficha em que conste “reação”.

Segue nova troca de fichas e, ao sinal dado, faz-se um último agrupamento por participantes com fichas da mesma cor.

4ª tarefa de cada grupo: Conclusão

O grupo lê a pergunta, a resposta e a reação e faz uma avaliação geral, elaborando um resumo do processo de reflexão grupal nas três etapas da dinâmica. O grupo anota sua opinião na ficha da mesma cor em que esteja escrito “conclusão”.

3º momento: *Plenária*

Segue um momento de plenária para compartilhar as elaborações

grupais, bem como para comentar e aprofundar eventuais questões não devidamente esclarecidas pelos grupos.

B — REFLEXÕES SOBRE O TEMA

Perguntas e respostas relacionadas a questões de fé

Introdução

Uma criança falou para sua babá:

“Por favor, me diz: Como Deus começou?

Alguém tem que tê-lo feito. Então:

Quem pode ter sido? Eu queria saber.”

E a babá disse: “Pois é!”

E a criança insistiu: “Pois é?”

Eu sei que tu sabes e gostaria que me contasses.”

E a babá tirou os alfinetes da boca e disse:

“Pois agora, meu bem, está na hora de ir para a cama.”

As crianças transbordam de curiosidade e fazem inúmeras perguntas sobre Deus, céu, doença, sofrimento, morte e outras questões existenciais. As crianças esperam por respostas às suas perguntas e querem ouvi-las imediatamente. Claro que não temos condições de saber responder a *todas* as perguntas que as crianças fazem, mas temos de cuidar para não contar mentiras ou meias verdades para nos safar de uma pergunta difícil de responder.

Para muitas perguntas não há uma resposta-padrão. Na hora de responder, temos de levar em consideração a idade da criança, sua capacidade de compreensão e sua experiência de vida.

Em geral, as crianças esperam uma resposta direta, objetiva e simples às suas perguntas, o que não significa que a resposta deva ser simplória. É importante responder apenas aquilo que a criança perguntou e não sobrecarregá-la com informações. Ao mesmo tempo, não devemos subestimar seus níveis de compreensão. Facilita se conseguimos tornar a resposta condizente com a experiência de vida das crianças. Temos de escutar não só com os ouvidos, mas também com o nosso coração, pois, às vezes, o que passa pela cabeça das crianças não

é exatamente a pergunta que nos estão fazendo naquele instante. É bom também fazê-las entenderem, aos poucos, que pode haver pontos de vista diferentes do nosso em determinadas questões, que há perguntas que admitem respostas alternativas e que há perguntas para as quais não temos respostas.

A nossa habilidade em responder às perguntas das crianças depende, em alto grau, das respostas que encontramos para nós mesmos para as grandes e pequenas questões existenciais.

A criança e a morte

Crianças aceitam a morte com maior facilidade do que os adultos. A maioria das crianças também está disposta e até ansiosa em falar sobre este assunto, ao contrário de muitas pessoas adultas que, muitas vezes, o consideram tabu. As crianças representam a morte, fazem perguntas a seu respeito e também expressam seu medo diante dela. Há crianças, no entanto, temerosas demais para fazerem perguntas e que precisam ser encorajadas para não reprimirem seus medos e questionamentos sobre esta questão.

Temos de tomar cuidado com a linguagem que usamos e as dificuldades de compreensão das crianças, evitando, na medida do possível, velhos clichês quando falamos sobre a morte com as crianças. Nem sempre é bom dizer que “Deus levou o vô”, porque então as crianças podem ver em Deus um tipo de “seqüestrador” que pega as pessoas à força. Da mesma forma, se dissermos “A vó foi para junto de Jesus”, isto pode sugerir que a vó não gostava de nós e preferiu ficar com Jesus.

Lembre-se das tantas crianças que fazem um funeral solene para um passarinho que encontram morto por aí ou para seu porquinho-da-índia de estimação. “Aonde vocês vão com todas estas coisas?” perguntou uma mãe, quando viu seus dois filhos (de oito e seis anos de idade) passando com uma pazinha, uma caixa de sapatos, um punhado de penas amarrotadas e um velho livro de orações. “Vamos enterrar este pobre passarinho num caixão e cantar para que possa ir para junto de Jesus”, respondeu-lhe o filho menor, bem feliz.

Muitas vezes, o primeiro contato que as crianças têm com a morte é por ocasião da morte de um animal, um animal de estimação talvez, e esta experiência lhes pode ajudar a entender a morte de um parente ou amigo, quando ocorrer. É óbvio para eles que seu animal de estima-

ção não respira nem sente mais nada, depois de morto. Levantando para o alto um camundongo morto, uma criança de três anos comentou: “Não está mais bom, não funciona mais.”

Não devemos esquecer que as crianças pensam de um jeito diferente do que nós adultos. Assim uma criança perguntou, enquanto andava pelo cemitério: “Para que tem estas pedras grandes aí?” Quando lhe explicaram que serviam para marcar o lugar onde havia alguém enterrado, replicou: “Mas elas não machucam as pessoas que estão por baixo?”

É como aconteceu também com um menino de quatro anos, uma semana depois do enterro do seu irmão mais velho. Encontraram-no cavando um buraco no jardim. Depois, seus pais ouviram ele gritando para dentro do buraco: “Dani, pode me escutar? O que está fazendo?”

A morte do pai ou da mãe suscita todo tipo de perguntas na cabeça das crianças. Quando perdem um dos dois pais é provável que fiquem temerosos de perder também o outro. Quando então fazem perguntas do tipo: “Mãe, você não é velha ainda, não é?”, precisamos responder de tal forma que a criança se sinta tranquilizada. As perguntas revelam medos que precisam ser tratados com serenidade e sensibilidade.

Se a criança tem de encarar a morte de sua mãe, é importante ser honesto. Não se deve disfarçar a dor. A criança deve se sentir à vontade para mostrar sua tristeza e para chorar. É muito importante aceitar as emoções. Talvez a própria mãe queira preparar seu filho neste sentido, se tiver certeza de que vai morrer. “Sabemos que, se eu morrer, Deus vai tomar conta de mim e me acolher junto a ele. Ele vai cuidar de você também e mandar alguém para cuidar bem de você. Vai ser muito triste e você vai ter vontade de chorar. Mas não vai ficar triste para sempre. Depois de um tempo, vai se sentir melhor de novo. Sabe, eu quero que seja feliz e fique contente com as coisas boas que você tem aqui, mesmo que eu não possa mais estar com você.”

Perguntas sobre o céu

Você não precisa ser uma criança pequena para perguntar sobre o céu. Uma pergunta deste tipo pode vir de uma criança de cinco anos ou de seu avô inteligente que admite abertamente que gostaria demais de saber como o céu “realmente é”.

O cosmonauta russo pode ter ficado surpreso na sua viagem no

espaço de não encontrar Deus “ali em cima”. Mas os cristãos de hoje não acreditam que o céu esteja literalmente acima do espaço sideral, radiante e azul. Na tentativa de descrever o céu, muitos o explicaram, usando imagens poéticas, como sendo um mundo completamente diferente. Sem influência por parte de adultos, as crianças costumam se imaginar que o céu, o lugar onde mora Deus, fica “lá em cima” e o inferno, onde vive o diabo, “lá embaixo”.

Quando uma mãe mandou seu filho de três anos comer tudo o que estava no seu prato, ele respondeu: “Não, Deus não me falou que devia comer tudo. Não está olhando por seu buraco no céu para mim. Só faz isto quando está escuro.” Quando crescer um pouco, sua mãe lhe poderá explicar que nós não podemos imaginar o céu como um lugar específico, definível. Porque, se não explicarmos isto, as crianças crescerão e rejeitarão toda a fé cristã como um conto de fada. Especialmente se até os astronautas não encontram Deus nos céus!

Uma mãe perguntou à sua filha de sete anos o que ela queria se pudesse fazer três desejos. A menina ficou pensativa. Então, a mãe explicou que ela mesma tinha três desejos: que não houvesse mais violência ou guerra, que não houvesse mais dor e sofrimento, que não houvesse mais fome nem doença. Mostrou então as passagens em Isaías 65 e em Apocalipse 21, onde o céu é visto como um lugar onde não haverá mais morte, tristeza, choro e dor, porque Deus estará com seu povo e enxugará todas as lágrimas de seus olhos. A mãe encorajou sua filha a se imaginar um lugar fantástico, bem melhor de tudo o que ela tinha conhecido em toda a sua vida, e depois leu alguns versículos destas visões de Isaías e de João naqueles capítulos da Bíblia. Explicou como é difícil para nós imaginar o céu — ou qualquer outra coisa completamente fora da nossa vivência (espaço ilimitado, vida em outros planetas, as criaturas de aparência diferente daquelas que conhecemos).

Se a criança for menor, talvez ajude usar a imagem que Jesus menciona: uma casa com vários cômodos, especialmente preparada para nós (João 14). Uma professora de jardim de infância explicou para crianças de quatro anos que o céu é o lugar para onde vão todos os amigos de Jesus quando morrem. Uma mãe respondeu a esta pergunta, feita por seu filho de sete anos, da seguinte maneira: “Como você se sente quando a mãe ou o pai estão fora? Estar longe de Deus é a mesma coisa. Esta sensação de calor e aconchego quando está junto com o pai

e a mãe você pode ter a vida toda se você pertence a Deus. Quando estamos junto a Deus, depois que deixamos atrás de nós os nossos corpos que temos aqui na terra, estamos no céu. O maravilhoso nisto tudo é que podemos ter uma noção como vai ser já agora, se amamos Jesus e tentamos segui-lo”.

(Texto adaptado do livro *Por que o céu não cai? E outras perguntas de crianças*, da autoria de Jeremie Hughes. Editora Sinodal, 1994, 135 p.).

Parábolas do Reino e a Educação Cristã

A — ROTEIRO DE ESTUDO

Através das parábolas, Jesus anuncia o Reino de Deus. Os tempos da salvação estão por irromper-se. Chegou a hora do cumprimento. Está lançado o convite para o Reino.

* Reino de Deus é oferecido a todas as pessoas gratuitamente, sem distinção. O samaritano, odiado, torna-se o herói da história. Uma mulher torna-se o exemplo da fé. A justiça do Reino não pode ser adquirida por esforços próprios. O servo do Reino trabalha, mas não ganha recompensa. A observação da Lei sem o amor não garante a vida eterna ao governante. No Reino os convidados são os desprezados e marginalizados. O doutor da Lei fracassa na tentativa de justificar a si mesmo.

* Reino de Deus transborda em amor. O samaritano arrisca sua vida para salvar um homem assaltado e abandonado. A mulher na casa de Simão sabe que qualquer ato ou palavra de Jesus a favor dela será desprezada. Os primeiros convidados ficam furiosos ao saberem que o banquete foi oferecido a estranhos.

* Reino de Deus convoca, desafia e exige uma reação de seus ouvintes. Os atos do Reino são atos de amor. A mulher unge os pés de Jesus. Os discípulos deixam trabalho e famílias. O servo trabalha sem receber. Estas são as condições para ser discípulo ou discípula de Jesus Cristo.

1. Relaxamento

a) De mão dadas, num círculo, para tornar o ambiente comum a todos e a todas. O ato de dar as mãos (início do primeiro contato físico) proporciona um contato afetivo e une o grupo que tem objetivos comuns.

De olhos fechados, sentir como as pessoas seguram as mãos e as sensações que passam para nós (tensão, expectativa, calma...).

b) Tomar consciência da respiração: Os participantes caminham livremente pelo local, inspiram, erguendo-se na ponta dos pés, levantando, ao mesmo tempo, os braços. Expiram, relaxando o corpo e abaixando os braços. (Expiram o ar levemente como se soprassem uma “vela”, sem deixá-la apagar.)

2. Leitura bíblica vivenciada: (Lucas 10.25-37)

1ª leitura: (Os/As participantes acomodam-se para um exercício de imaginação. O/A dirigente lê, pausadamente; e os/as participantes acompanham a leitura de olhos fechados e imaginam as cenas da narração bíblica.)

2ª leitura: (Os/As participantes ficam em pé e formam um círculo. O/A dirigente lê o texto pausadamente. Os/As participantes entram em cena todos ao mesmo tempo, fazendo o papel de todos os personagens da história. Cada pessoa expressa livremente os personagens da história. Todos ocupam o espaço cênico disponível.)

3ª leitura: (Os/as participantes voltam a formar um círculo. Os/As participantes escolhem cada qual uma palavra ou um momento do texto para encenar. O/A dirigente lê o texto novamente. Durante a leitura, cada participante encena a parte escolhida no momento em que ela for lida.

3. O discipulado a partir da parábola do bom samaritano

A vida das pessoas que seguem a Jesus é de um amor sem limites. Esse amor tem seu modelo no próprio Jesus. O nosso amor para com o próximo é uma atitude de gratidão ao seu amor. “Próximo” para Jesus não é somente o concidadão, mas todo aquele que precisa de sua ajuda. O exemplo do samaritano odiado pelos judeus mostra que “nenhumá pessoa está tão longe de você, que você não deva estar pronto para a qualquer tempo pôr em jogo sua vida em favor dela”, tão logo que haja necessidade. O sacerdote e o levita tiveram pena do homem assaltado. O bom samaritano teve compaixão. Somente a compaixão leva à ação. Jesus inverte a pergunta do escriba: “*Quem é o meu próximo?*” para “*De quem devo ser o próximo?*” Não há limite para o mandamento do amor.

4. Avaliação a partir da prática

a) O/A dirigente organiza com todos/as os/as participantes agrupamentos a partir das partes escolhidas (palavras, momentos, personagens). Os/As participantes que não se encaixam com nenhum grupo, escolhem um com o qual estabeleçam uma relação de sentido ou de afinidade.

b) Perguntas para reflexão em grupo:

* Como ser discípulo de Jesus no dia-a-dia, na vida concreta?

* Quais são os desafios e os compromissos que podemos assumir em nossa tarefa na Educação Cristã?

c) Cada grupo apresenta em plenária conclusões da reflexão feita.

B — AVALIAÇÃO

* Uma reflexão a partir da folha da “árvore”.

* Responder as questões propostas na folha de avaliação.

* Compartilhar um pouco sobre as avaliações feitas.



Celebração final

Uma árvore frondosa

(Material necessário: um galho seco colocado em um vaso ou uma lata com areia no centro do salão, ao lado do altar. Formatos em papel de folhas, flores e frutos. Canetinhas e linhas com agulhas.)

1. Canto

2. Invocação

Invocamos a Deus que, dia-a-dia, nos agracia com as sinais de sua presença e de seu amor. Invocamos seu Filho Jesus Cristo que, cheio de paixão e misericórdia, tornou-se nosso Salvador. Invocamos o Espírito Santo que nos encoraja e nos orienta a sermos verdadeiros discípulos e discípulas do Reino.

3. Leitura bíblica: A parábola da figueira (Lucas 13.6-9).

4. Comentário sobre a parábola

A figueira se distingue de outras árvores da Palestina, como a oliveira, a azinheira e a alfarrobeira, por perder no inverno as folhas e, pelos galhos salientes e nus, parece como que inteiramente morta, a tal ponto de se poder notar claramente o retorno da seiva que circula. Seu brotar, irrupção da vida através da morte, imagem do grande mistério de vida e morte, é prenúncio do verão. Assim também o Messias, diz Jesus, tem os seus prenúncios. Vejam os sinais! A figueira morta reverdece, os brotos se lançam, definitivamente passou o inverno e o verão está às portas, o povo da salvação é suscitado para nova vida (Mt 11.5) — chegou-se a tanto, a consumação final está a irromper-se, o Messias bate à porta (Ap 3.20).

Chegou o tempo da salvação, pois chegou o Redentor, já agora. Acendeu-se a luz.¹⁹

5. Reflexão

“*Árvore*” *seca*: O que representa? (Indicando para a “árvore” seca ao lado do altar.)

* O que falta à “árvore” para que possa ser sinal de vida?

Folha: *Verde — sinal de vida*

* Quais são os sinais do Reino? Quais são os sinais de sua presença que temos percebido em nossa **prática** educativa?

Flor: *Antecede ao fruto. Geralmente ofertamos flores como sinal de gratidão.*

* Quais são os sinais de misericórdia, acolhimento e solidariedade que temos percebido e motivado em nossa **tarefa** educativa?

Fruto: *Alimento e símbolo de ação.*

* Quais são os desafios e compromissos assumidos em nossa **missão** educativa?

6. Escolhendo um dos símbolos (folha, flor ou fruto)

Cada participante escolhe um dos símbolos e, a partir das perguntas feitas na reflexão, escreve uma frase com uma mensagem no símbolo, que pendurará na “árvore” seca ao lado do altar. Para poder pendurar o símbolo, faz-se uma pequena alça com um pedaço de linha.

7. **Canto:** A semente (cancioneiro *Canções pra toda hora*, p. 20-21).

8. Oração espontânea conjunta

Pai Nosso

9. Canto de bênção

Um abraço dado (*Manual para o Culto Infantil*, 1997, p. 238).

(Durante o canto, os/as participantes são convidados a partilharem os sinais do Reino, ofertando uns aos outros seus símbolos, para que possam desafiar-nos no envio para a realidade da qual viemos e para a qual retornamos, reanimados e renovados para exercer nossa tarefa como educadores cristãos e educadoras cristãs.

19 Id. idib., p. 121.

